

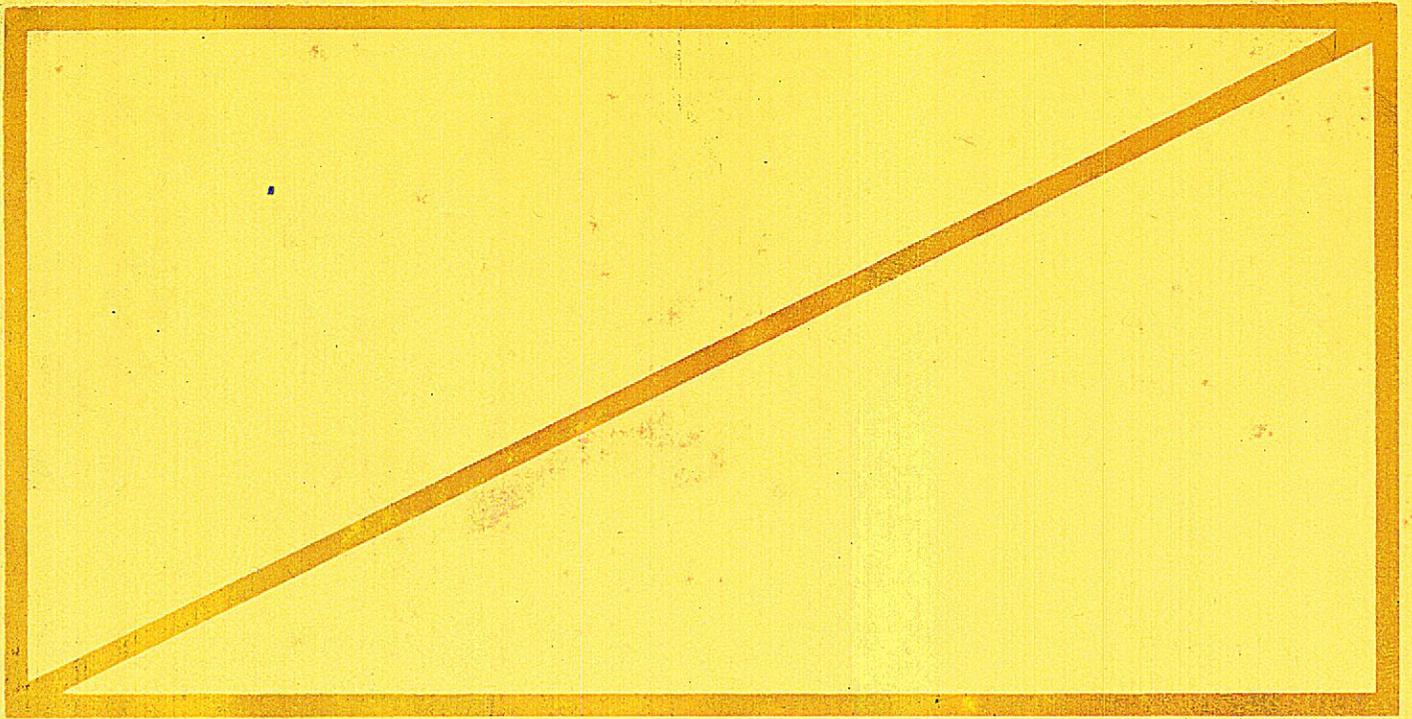
esdi

MARIA
CLARA
RO
DRI
GUES
DE
MO
RAES
E
MO
NICA
CAM
POS
RAMOS
MAR
THA

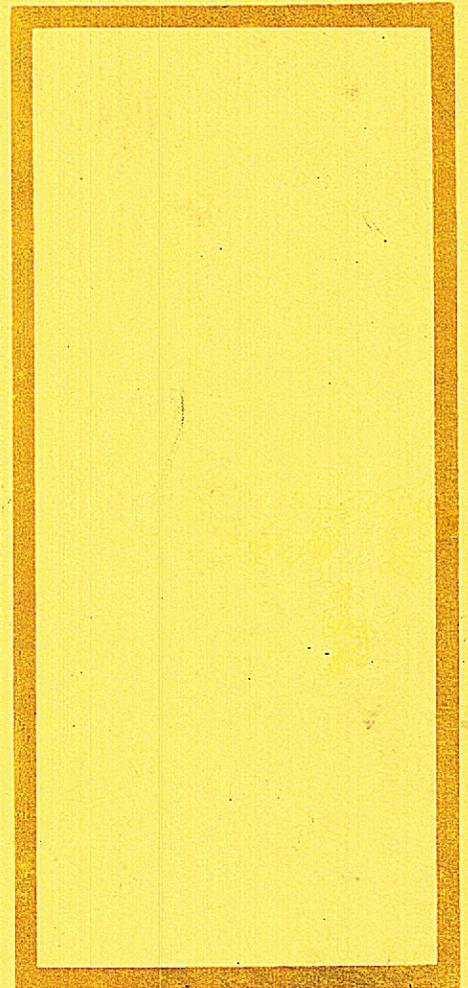
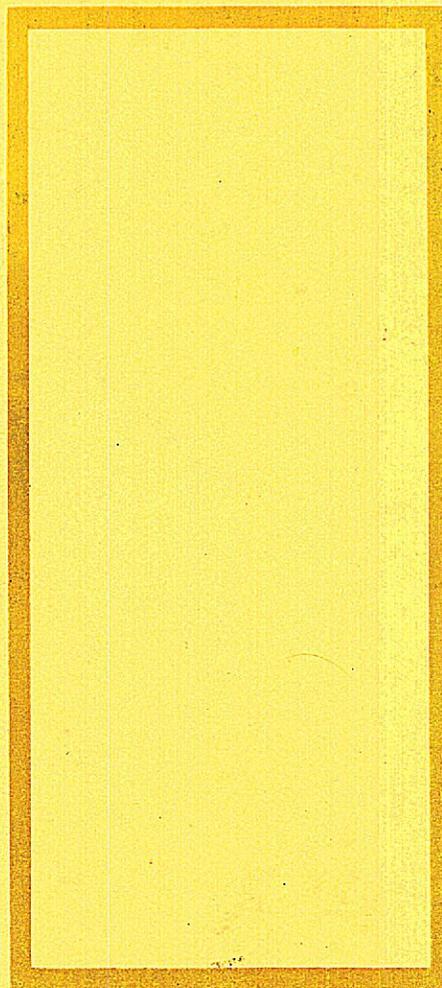
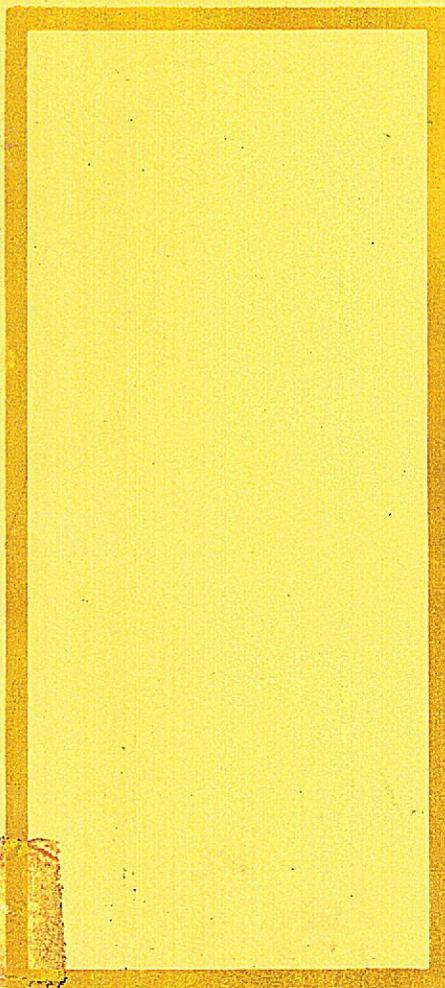
T-136

1977

1978



**A Diagramação como
Instrumento Ativo na
Significação de uma Informação Gráfica**



ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial

Trabalho de Formatura 1977

Revisado em 1978

A DIAGRAMAÇÃO COMO INSTRUMENTO ATIVO
NA SIGNIFICAÇÃO DE UMA INFORMAÇÃO GRÁFICA

Maria Clara Rodrigues de Moraes

Monica Campos Ramos Martha

Orientação de Zuenir Ventura

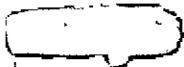


P136
1978

1900004173



N.º de registro



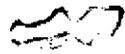
leg. 4173/90 ec1

«... Claro que as figuras de retórica são aplicáveis também às linguagens não-verbais. Mas o que me parecem tentadoras são as relações que se podem estabelecer entre desenho, desígnio (tão patentes na palavra inglesa «*design*») e significado, pois estas relações parecem confluír para o entendimento de «*signo*» como projeto significante.»

Décio Pignatari

A DIAGRAMAÇÃO COMO INSTRUMENTO ATIVO NA SIGNIFICAÇÃO DE UMA INFORMAÇÃO GRÁFICA

- 1 **INTRODUÇÃO**
- 2 **A DIAGRAMAÇÃO**
- 3 **OS ELEMENTOS DE ESTRUTURA DE UMA MENSAGEM**
 - 3.1 Definições
 - 3.2 O Auxílio da Semiologia
 - 3.3 O Auxílio da Sintaxe
 - 3.4 A Retórica
- 4 **A INFORMAÇÃO GRÁFICA**
 - 4.1 Definições
 - 4.2 Estabelecimento de suas Unidades Constitutivas
 - 4.2.1 Título
 - 4.2.2 Texto
 - 4.2.3 Ilustração
 - 4.3 Seus Níveis de Leitura
 - 4.3.1 Leitura Global
 - 4.3.2 Leitura Média
 - 4.3.3 Leitura Analítica
 - 4.4 Estabelecimento de suas Unidades Distintivas
 - 4.4.1 Ponto
 - 4.4.2 Linha
 - 4.4.3 Superfície
 - 4.5 Estabelecimento de suas Unidades Significativas
 - 4.5.1 Na Leitura Global
 - 4.5.2 Na Leitura Média
 - 4.5.3 Na Leitura Analítica



5	ANÁLISE
5.1	Introdução
5.2	Desenvolvimento
5.2.1	Quanto aos Elementos de Estrutura de uma Mensagem
5.2.2	Quanto à Mensagem como Informação Gráfica
5.2.3	Quanto à Retórica
6	CONCLUSÕES
7	BIBLIOGRAFIA

A DIAGRAMAÇÃO COMO INSTRUMENTO ATIVO
NA SIGNIFICAÇÃO DE UMA INFORMAÇÃO GRÁFICA

1 INTRODUÇÃO

Muitas vezes, por interesse ou mesmo curiosidade, impressos dos mais variados tipos passam a fazer parte de *arquivos visuais* ou são motivo de muita discussão.

A revista «Time», de 3 de fevereiro de 1975, ficou muito tempo guardada porque continha uma matéria que, não só chamava atenção como suscitava uma série de perguntas.

O título da capa e a disposição das fotografias da matéria, no interior da revista, pareciam criar uma hierarquia entre os personagens. O corte da fotografia da estátua de Mao colocava-o numa posição superior a Chou-En-Lai, complementando o «*looking beyond Mao*» da chamada da capa.

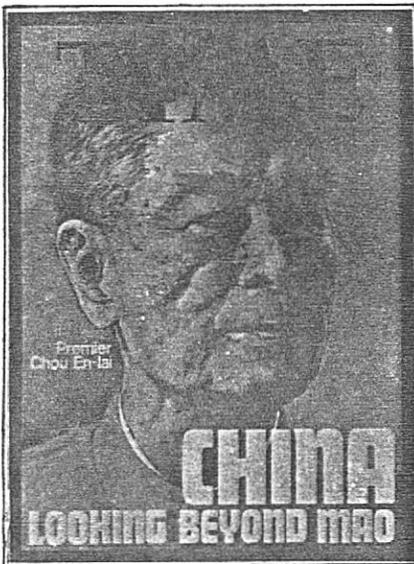
Foi imediato aceitar que se tratava de um efeito intencional onde a suspeita levantada era que: uma mensagem já tinha sido parcialmente transmitida antes mesmo da leitura e compreensão do texto.

Essa constatação nos levou a transportar para o plano concreto a visão poética de Clarice Lispector: «Então escrever, é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra —a entrelinha— morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a».

Formulamos então, nossa suspeita:

—Diagramar é o modo de quem tem a imagem como isca?

Configura-se aqui um trabalho especulativo, consequência direta dessa suspeita. Um trabalho que é antes de tudo, um esforço de acumulação de informações e de superposição de conceitos; conceitos esses geradores de novas perguntas e de novas respostas — questiona-se antes para formular (indução), e questiona-se para concluir (dedução).



Em função do que consideramos um *projeto teórico* dirigimos toda a investigação à linearização do caráter teórico da diagramação procurando, não só determinar sua função de instrumento, como também, observar a atuação de seus elementos constitutivos como um conjunto, e não, como são tratados na maioria das vezes, como elementos isolados.

Teríamos então como objetivo, estabelecer a existência de uma linguagem particular a diagramação, através da determinação das relações entre forma e conteúdo e através da compreensão dos efeitos obtidos pela aplicação da técnica. O emissor busca no receptor a fonte e a referência de seu discurso — é o *«feed-back»* do processo de transmissão de uma mensagem.

Apesar da constante manipulação de conceitos teóricos, procuramos descrever cada ponto do trabalho da maneira mais clara possível, para não dificultar o acesso ao desenvolvimento do estudo com o uso de uma terminologia rebuscada.

Tomaremos a diagramação como sendo um sistema de organização de um conjunto visual. Esse sistema, manipulando a forma e a localização dos elementos constitutivos do conjunto, estabelece suas características e assim, suas relações entre si como partes e como um todo. Kandinsky definiu esse sistema como: «— a subordinação interiormente funcional dos elementos isolados e da construção, à finalidade pictórica completa.»

Sabendo que à cada expressão de forma corresponde necessariamente uma expressão de conteúdo, inicia-se nossa primeira preocupação: estabelecer como o aspecto formal de uma mensagem interfere em sua recepção.

Já que tudo se passa a princípio, nos domínios da percepção, o estudo recorre à *Gestalt* que, além de analisar o funcionamento da percepção, também investiga a qualidade das unidades visuais e as estratégias para sua união no conjunto: «— em todos os estímulos visuais e em todos os níveis da inteligência visual, o significado não só recebe dados representativos na informação ambiental, ou nos símbolos (incluindo a linguagem), como também, existe ou coexiste, com a declaração visual fática. Qualquer acontecimento visual é uma forma com conteúdo. O conteúdo de um elemento varia em função da estrutura que o contém e, quando colocado em outro conjunto seu conteúdo também se altera» (*).

O aspecto formal de um conjunto visual, ainda sem as suas unidades segregadas, sugere o que corresponderia na linguagem verbal à entonação de um enunciado. Sabemos que a primeira e obrigatória abordagem à percepção de um conjunto visual é o contato com o «todo» e, que esse contato condiciona (estimulando ou desestimulando) o início da segregação das partes. Se a organização das partes já sugere nesse primeiro contato, um significado, os elementos do conjunto apresentam valores formais diferentes, fazendo com que essa hierarquia, de acordo com os propósitos da mensagem ou mesmo do emissor gere um percurso de assimilação e ainda localize o início da responsabilidade da diagramação.

Como a diferença de valores, pesos e vazios regem o desenvolvimento desse percurso? Essas relações são determinadas pela diagramação através da utilização de suportes de expressão de uma mensagem que, no caso das informações gráficas, são os códigos pictográfico, tipográfico e cromático.

Emil Ruder, no livro «*Typographie*», diz que: — «A arte asiática provém de uma grande unidade entre a escritura e o desenho; onde a escritura é ela mesma desenho e o desenho a escritura. A cultura ocidental ignora essa parentesco e chega, de forma mais complexa, a um acordo entre esses dois elementos».

O que na descrição acima, é denominado escritura chamamos código tipográfico. E aquele que emprega letras como sinais de base; é um código de termos digitais e diretamente ligado ao significante do objeto. Chamamos de pictográfico o que emprega todos os outros grupos de sinais gráficos; excetuando-se os caracteres tipográficos e desenhos sugerindo diretamente esses caracteres, parte do significado do objeto e é um código de natureza analógica.

O código cromático é relativo à cor; junto ao pictográfico ele pode ser parte do significado e, junto ao tipográfico, ele é um significado imposto.

Uma visão completa do desenvolvimento do percurso depende agora da definição das características específicas de uma informação gráfica; da determinação das relações que ocorrem entre os elementos já definidos; e das características particulares que os elementos do conjunto assumem em um dado momento perceptivo.

(*) Abraham Moles - Teoria da Informação e Percepção Estética

3 OS ELEMENTOS DE ESTRUTURA DE UMA MENSAGEM

3.1 Definições

Tomemos a linguagem como um fenômeno dicotômico que atua como um sistema ao nível da emissão e recepção, materializando uma mensagem. Ela é assim codificada e decodificada em referência a um código social.

Antes porém de ser estruturada pela linguagem que lhe dá forma, a mensagem só existe virtualmente, necessitando ter seu conteúdo delimitado por um código que permitirá sua transmissão. Este código é composto sempre de signos que serão os elementos de estrutura de uma mensagem.

Tendo, principalmente em nosso estudo, a clareza dos personagens atuantes no processo de transmissão de mensagens, torna-se obrigatório o enfoque através:

- . da semiologia — cuja reflexão decifra as características desses elementos das mensagens, os signos e seu contexto;

- . da sintaxe — que define suas funções, as relações e normas sob as quais deverão se basear, já que, o discurso não é somente o lugar onde se manifestam as significações mas também, o meio de sua transmissão.

3.2 O Auxílio da Semiologia

No uso corrente não linguístico, os termos: signo, sinal ou símbolo, não são claramente definidos e servem quase sempre, indistintamente, a designar fenômenos de ordem essencialmente diferentes.

Um único fato é denominador comum de todos esses empregos: um elemento «A» representa outro elemento «B» ou serve como seu substituto. A ciência que estuda os problemas relativos à essa representação chama-se semiótica ou semiologia. Desde que se procura designar por termos específicos «A», «B» ou sua união, as diferenças começam e as classificações diferem na tentativa de distinguir os diversos tipos de signos, segundo a natureza do vínculo existente entre «A» e «B».

O emprego do termo «*signo*» na linguística atual segue Ferdinand de Saussure. No signo, o vínculo que une o significado ao significante — seus elementos constitutivos — é arbitrário, ou seja, imotivado. Além disso, o significante se realiza no tempo, o que lhe dá linearidade; já que pertence à um código e este, é sempre articulado.

Todos os fatos que satisfazem a esta condição são considerados signos, mas nem todos os signos possuem os mesmos estatutos de motivação e arbitrariedade e, uma vez estabelecida como ciência, a semiologia deverá definir seu objeto e determinar em quais medidas os signos o tornam a ser de direito.

O código, segundo Umberto Eco, é um sistema que estabelece:

- um repertório de símbolos que se distinguem por oposição recíproca;
- as regras de combinação desses símbolos;
- e, eventualmente a correspondência, termo a termo, entre cada símbolo a um dado significado.

Um código estabelece que um dado significante denota um determinado significado. A relação da denotação é direta e unívoca, rigidamente fixada pelo código. Como denotação temos o significado primeiro ou imediato de um signo. A relação de conotação se estabelece quando um

par formado pelo significante e pelo significado denotado, conjuntamente, se torna o significante de um adjunto, ou seja, a conotação se estabelece não com base no simples significante, mas no significante e no significado denotativo unidos.

Tomaremos o signo como um sinal que toma o lugar de alguma coisa conhecida por experiência e que será encarado como: uma noção complexa que designa todos os meios de representação mental em um objeto, uma idéia, um desejo, a fim de torná-los transmissíveis sob a forma de mensagens.

O plano dos significantes estará assim constituindo o plano de expressão — os elementos perceptíveis do signo; e o plano do significado, o do conteúdo do signo.

A significação de um signo é portanto um processo, o ato que une o significado e o significante, cujo produto é o signo. Como o significante vem a ser o mediador do significado, poderíamos dizer que enquanto o significado se situa no plano do conteúdo, ou o da mensagem, o significante se situa no plano de expressão e então, o plano da linguagem.

Como coloca Greimas, a união do significado e do significante, uma vez realizada na comunicação, destina-se a ser dissolvida desde o instante em que se deseja promover uma análise de um ou outro plano, e torna-se necessário servir-se do significante para o estudo do significado e vice-versa.

3.3 O Auxílio da Sintaxe

O discurso é a mensagem na base de um código. Este código estabelece os critérios sintáticos de concordância, colocação e regência dos elementos constitutivos do discurso. Em sentido estrito, o discurso é a reprodução que se faz de um enunciado.

A experiência, que não é linear, pode ser transmitida graças a enunciados. A sintaxe consiste, principalmente, no exame dos modos e relações que existem entre os elementos de experiência e que *não são* relações de pura sucessividade, podendo ser demarcadas numa sucessão de unidades linguísticas de maneira que o receptor da mensagem possa reconstruir esta experiência. A sintaxe estabelece para cada elemento o que se chama a função deste elemento, ou seja, sua relação com o resto do enunciado.

Todo enunciado comporta um núcleo, em torno do qual se organizam os elementos, cujas funções são indicadas por diferentes processos dependendo do código. O exame desses processos é que permite estabelecer os elementos autônomos e os dependentes.

O período gramatical será um enunciado finito, de sentido completo, formado de um ou vários sintagmas oracionais. Sintagma, termo estabelecido por Saussure, é a combinação de formas mínimas numa unidade linguística superior. E o conjunto de formas linguísticas, que se associam por um traço linguístico permanente, comum a todas elas, vem a ser o paradigma.

O sintagma é a combinação de signos onde o valor de cada um é dado por oposição a outro que o precede ou o segue. A atividade analítica que se aplica ao sintagma é a divisão. Um sintagma é um conjugado binário, em que um elemento determinante cria um elo de subordinação com outro elemento que é o determinado. Quando essa combinação cria uma mera coordenação entre os elementos tem-se ao contrário, uma sequência.

O plano das associações, paradigmático ou sistemático, tem como atividade analítica a classificação, e, é nele que se estabelecem as relações dos sintagmas.

Podemos então chamar o sintagma de módulo de uma sistematização que será o paradigma.

A significação só pode originar de uma articulação, quer dizer, uma discriminação simultânea do significante e do significado. Existe antes de todo sintagma, um problema analítico: O sintagma é, ao mesmo tempo, contínuo e só é veiculado se articulado. Como dividir o sintagma? Essa seria uma operação fundamental pois ela libera as unidades paradigmáticas do sistema.

Em linguística, essa divisão se faz por meio da prova de transposição que consiste, na introdução artificial de uma mudança no plano de expressão (significante) quando se observa se essa transposição causa uma modificação correlativa no plano do conteúdo (significado).

Trata-se então de criar uma homologia arbitrária, quer dizer, um duplo paradigma, que definirá as unidades significantes, onde são elaborados os sintagmas, preparando assim a classificação dessas unidades em paradigmas.

Os paradigmas, ou campos associativos, são ao mesmo tempo semelhantes e dissemelhantes e comportam um elemento variante. A organização interna dos termos de um campo associativo, como vimos anteriormente, pode ser chamada linguisticamente de oposição, definida como distintiva ou significativa.

Vemos então que a operação dos elementos variantes se situa ao nível do sintagma, prendendo-se à forma de expressão (significante); e, a relação que classifica esses elementos, ao nível do paradigma, prendendo-se ao conteúdo (significado).

3.4 A Retórica

«A estilística é a arte de dizer alguma coisa sob nova forma; de mudar o sentido ou a aplicação das palavras, para dar ao discurso uma maior suavidade, vitalidade ou impacto. A essência da figura de retórica é um desvio do uso normal do discurso com vistas a um fim».*

É nesse sentido afirmada por Jacques Durand como sendo a «arte da palavra artificial». E nos lembra Moles, que o fato da retórica repousar na *liberdade* do receptor de uma mensagem, é uma situação competitiva, ou do jogo, entre quem fala e quem ouve (ou vê, como veremos mais tarde) e quem tem a liberdade não se deixar convencer, seduzir ou violar.

- Tecnicamente a retórica comporta duas partes: uma descreve e analisa os meios de convicção e outra emprega os meios de persuasão. Além disso, coloca em jogo dois níveis de linguagem: a própria e a figurada. A figura é uma operação que faz passar de um nível de linguagem a outro, ou seja, o que foi dito de maneira figurada, poderia ter sido dito de maneira mais direta, mais neutra, mais simples.

Segundo Roland Barthes, «Saussure pressentia que o sintagmático e o paradigmático deveriam corresponder à duas formas de atividade mental, o que teria retirado da linguística. Jakobson considerando esta extensão, aplicou a oposição da metáfora (plano do paradigma) e a da metonímia (plano do sintagma) às linguagens não linguísticas, quando formulou os «discursos de tipo metafórico» e «discursos de tipo metonímico»; cada tipo não implicando porém, a um desses modelos (porque sintagma e paradigma são necessários a todos os discursos), mas somente à dominância de um ou de outro. Por metáfora entender-se-ia a dominância de associações substitutivas, e por metonímia, a dominância das associações sintagmáticas».

E ainda conclui Barthes: «pela abertura que Jakobson deu ao discurso, os dois planos da linguagem articulada (sintagma e paradigma) devem ser encontrados seguramente em outros sistemas de significação além da linguagem verbal», portanto, num discurso, por exemplo visual, poderiam ocorrer as mesmas dominâncias definidas por Jakobson, metafóricas ou metonímicas.

Existindo então uma linguagem própria ou uma linguagem figurada podendo ser utilizadas como códigos de expressão, e normas que regem esses códigos, concluímos e tratamos a figura de retórica como sendo a transgressão artificial de uma norma, e é principalmente nas bases dessas normas, que essas figuras podem ser observadas, se o objetivo é analisá-las.

Antes de entrarmos na observação, classificação e análise das figuras de retórica, convém descrever o trabalho e a opinião de alguns semiólogos, sobre a retórica utilizada em sistemas de significação e do «porque» dessa utilização através da semiologia, para se aprofundarem na análise desses sistemas.

Roland Barthes analisou a moda, o mobiliário, a alimentação, e até a publicidade quando justificou: «na publicidade, a significação da imagem é seguramente intencional: são certos atributos do produto que formam *a priori* os significados da mensagem publicitária e, estes significados devem ser transmitidos o mais claramente possível; se a imagem contém signos, estamos certos que na publicidade estes signos são plenos, formados com vistas à melhor leitura: a publicidade é franca ou pelo menos, enfática ».

Georges Péninou que também se dedicou à análise da publicidade, explica: «a publicidade tem como atividade principal criar um sentido, transformar uma coisa ou um utensílio em um significante ostensivo... a dilatação da expressão, relacionada ao significante, pode ampliar a substância do significado, que é relacionado ao conteúdo, provocando uma alteração semântica; instrumento de uma vontade, mais do que um conhecimento, a imagem publicitária considera, necessariamente, o objetivo por trás do objeto. Substituto moderno do leilão e de todos os antigos sistemas orais de promoção, baseados numa retórica persuasiva da palavra, ela herdou as mesmas obrigações e transportou os mesmos artifícios ».

Jacques Durand ainda conclui: «tal inventário (de figuras) foi tentado sobre vários anúncios. Esse inventário permitiu encontrar na imagem publicitária, não algumas, mas todas as figuras clássicas da retórica ».

Além desses, preocuparam-se com o problema: Umberto Eco, Guy Bonsiepe, Bernard Anglade, Max Bense, Abraham Moles e outros. Moles ainda enfatiza: «os estudos recentes na teoria da informação sobre o papel dialético da redundância e da originalidade, da repetição e da saturação, a distinção entre informações trazem justificações substanciais a um quadro teórico para a retórica clássica ».

Mas, quais são as figuras de retórica? E como descobri-las num enunciado?

Apesar de existirem várias classificações de figuras de retórica, tomaremos como base o estudo de Jacques Durand, que segundo Péninou, foi um dos poucos que conseguiu classificar as figuras já direcionando-as à forma e ao conteúdo, (elementos de qualquer manifestação gráfica) e dividi-las a partir dos dois eixos da linguagem: sintagma e paradigma.

«A figura de retórica é definida como uma operação que parte de uma proposição simples e modifica certos elementos dessa proposição. As figuras serão classificadas segundo duas dimensões: de um lado a natureza dessa operação e de outro, a natureza da relação que une os elementos variantes».

«A operação se situa ao nível do sintagma e as relações ao nível do paradigma, quando associa-se sintagma à forma de expressão (significante) e paradigma, à forma do conteúdo (significado) ».

Durand classifica como operações fundamentais ou modulações:

-a adjunção, união de um ou mais elementos à proposição;

-a supressão, retirada de um ou mais elementos da proposição;

-a substituição, supressão seguida de uma adjunção, retirada de um elemento para substituí-lo por outro;

-a troca, duas substituições recíprocas, permutação de dois elementos da proposição.

Como relações entre os elementos ou sistematização, Durand classifica a similitude e a diferença e, a identidade e a oposição. E diz: «a análise das figuras de retórica indicará simultaneamente quais são os elementos constituintes e quais as relações que existem entre eles. Os elementos constituintes não recobrem necessariamente o conjunto de unidades de significação contidas na proposição, mas apenas aquelas que foram utilizadas conscientemente por seu criador, em seu jogo retórico.».

E assim, Durand apresenta sua classificação, baseada nas definições das figuras clássicas. Com as relações entre forma e conteúdo, apresenta primeiramente nove tipos diferentes de relação entre as proposições:

		RELAÇÃO DAS FORMAS		
RELAÇÃO DOS CONTEÚDOS	IDÊNTICOS	DIFERENTES	OPOSTOS	
IDÊNTICOS	Identidade	Similaridade de Conteúdo	Paradoxo	
DIFERENTES	Similaridade de Forma	Diferença	Oposição de Forma	
OPOSTOS	Duplo Sentido	Oposição de Conteúdo	Oposição Homológica	

E ainda, acrescenta a isso, as duas dimensões da linguagem—sintagma e paradigma—o que gera a seguinte classificação:

RELAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS VARIANTES	OPERAÇÃO RETÓRICA			
	ADJUNÇÃO(A)	SUPRESSÃO(B)	SUBSTITUIÇÃO(C)	TROCA (D)
1. IDENTIDADE	Repetição Anadiplose Aliteração	Elipse	Ênfase Hipérbole Litote	Inversão
2. SIMILARIDADE de Forma de Conteúdo	Rima Comparação Pleonasmo	Circunlocução	Alusão Metáfora	Hendíade Homologia
3. DIFERENÇA	Acumulação Conjunção	Suspensão Disgressão	Metonímia Sinédoque	Assíndeto
4. OPOSIÇÃO de Forma de Conteúdo	Emparelhamento Antítese	Dubitação Reticência	Perífrase Eufemismo	Anacoluto Quiasmo
5. FALSAS HOMOLOGIAS Duplo Sentido Paradoxo	Antanáclase Paradoxo	Tautologia Preterição	Trocadilho Antífrase	Antimetábole Antilogia

Teria-se então, a definição de cada uma dessas figuras de retórica classificadas:

A - FIGURAS DE ADJUNÇÃO

A.1 Identidade — união de um ou mais elementos idênticos. A figura mais conhecida é a repetição, ou a dupla relação de identidade. Pode ser por exemplo: identidade de forma ou de conteúdo, repetição de formas para um só conteúdo, etc. A retórica clássica reconhece inúmeras figuras de repetição, como a *assonância*, *aliteração*, *anáfora*, *concatenação*, *epístrofe*, *anadiplose*, etc.

A.2 Similaridade — adjunção de formas ou conteúdo similares. Na retórica clássica encontra-se: *rima*, *paronomásia*, *comparação*, *pleonasmo*, etc.

A.3 Diferença — adjunção de elementos diferentes na proposição. Na retórica clássica são figuras: a *epítrope*, *acumulação*, *conjunção*, *disjunção*, etc.

A.4 Oposição — adjunção de elementos opostos: a *antítese*, o *emparelhamento*, etc.

A.5 Falsa Homologia — oposição entre a aparência e realidade. No *duplo sentido* ou *antanáclase*, é uma similaridade aparente, dissimulada por uma diferença real, e no *paradoxo*, é uma oposição aparente que encobre uma identidade real.

B - FIGURAS DE SUPRESSÃO

Como ressalta Durand, no caso da publicidade por exemplo, não se trata de suprimir simplesmente um elemento da proposição, mas de levar o leitor a perceber esta ausência e a reconstruir o elemento ausente.

B.1 Identidade — é exatamente o inverso figura de repetição. Encontramos a *elipse*, quando se percebe a proposição como incompleta.

B.2 Similaridade — o elemento suprimido é ligado a outro elemento da proposição por uma relação de similaridade, de forma ou de conteúdo; é a *circunlocução*.

B.3 Diferença — retarda-se um elemento da proposição por incidentes que com ele mantêm apenas relação de contiguidade, como por exemplo, um *enigma*. São figuras de diferença, a *suspensão* ou a *disgressão*.

B.4 Oposição — a supressão de um elemento é devida a uma oposição de forma no caso da *dubitação*, e a uma oposição de conteúdo no caso da *reticência*.

B.5 Falsa Homologia — quando o mesmo significante é tomado com dois sentidos diferentes temos a ilusão da diferença e é o caso da *tautologia*.

- quando é simulada a inexistência de um elemento mas, na realidade ele está presente, temos a *preterição*.

C- FIGURAS DE SUBSTITUIÇÃO

C.1 Identidade - substituição por outro elemento idêntico. Esta figura seria denominada *homeófora*, não sendo considerada na retórica clássica porque seria impossível saber, qual é o substituto de qual já que os elementos são idênticos. A substituição idêntica pode acompanhar-se de uma diferença de grau, quando se obteria uma substituição majoritária (*ênfase, hipérbole*) ou minoritária (*litote*).

C.2 Similaridade — a substituição pode ser formal (*alusão, anonimação*) e de conteúdo (*metáfora, símbolo, catacrese*).

C.3 Diferença — é o caso da *metonímia* onde um elemento é significado pelo significante de outro, que mantém com ele uma relação de parte de um todo (*sinédoque*), efeito de uma causa, etc.

C.4 Oposição — o elemento substituído pode estar ligado a um outro elemento da proposição por uma oposição de forma (*perífrase, simples/completo e antonomásia, nome próprio/nome comum*) e por uma oposição de conteúdo (*eufemismo, bem/mal e metalepse, antes/depois*).

C.5 Falsa Homologia — pela identidade de forma e oposição de conteúdo temos a *antanáclase*, homóloga ao trocadilho e, pela oposição de forma e identidade de conteúdo, temos a *antífrase* homóloga ao paradoxo.

D - FIGURAS DE TROCA

D.1 Identidade — os elementos permanecem idênticos mas, a ordem da proposição é trocada. É a figura de *inversão*.

D.2 Similaridade — existe uma similaridade entre dois elementos diferentes de forma gramatical, caso da *hendíade*, e, quando ocorre a similaridade de conteúdo, apresentado sucessivamente sob formas gramaticais diferentes, temos a *homologia*.

D.3 Diferença — modifica as relações gramaticais existentes entre os elementos da proposição suprimindo as coordenações, é o *assíndeto*.

D.4 Oposição — a troca dos elementos implica uma oposição a nível formal: a proposição se opõe às regras gramaticais. É idêntico ao *anantapodoton* e à *silepse*. No *quiasmo* existe a troca ao nível do conteúdo: a proposição é gramaticalmente correta mas, o caráter anormal das ligações entre os elementos, atesta que houve uma permutação entre elas.

D.5 Falsa Homologia — a *antimetábole* é a figura de duplo sentido, homóloga à antanáclase e a *antilogia* é uma figura de paradoxo, unindo numa mesma proposição, elementos aparentemente contraditórios.

Quando Barthes analisa as transgressões dos campos associativos ou dos paradigmas, conclui que a retórica será sem dúvida, o domínio dessas transgressões criativas: «se lembrarmos da distinção de Jakobson, compreenderemos que cada série metafórica é um paradigma sintagmatizado e cada metonímia é um sintagma absorvido num campo paradigmático ou num sistema; na metáfora, a seleção afasta-se da contiguidade e na metonímia, a contiguidade afasta-se do campo de relação. Estamos sempre, parece nas fronteiras dos dois planos dos quais se utiliza a criação».

E Durand chega ainda a dizer: «retórica pode trazer à publicidade um método de criação... as idéias mais originais, os anúncios mais audaciosos aparecem como a transposição de figuras de retórica repertoriadas desde muitos séculos... o campo de aplicação da retórica clássica era estritamente limitado à linguagem. Para aplicar as figuras de retórica ao domínio da imagem, foi necessário dela fornecer uma definição mais abstrata mas, graças a esta abstração, dispomos agora de um instrumento universal. E a idéia de uma retórica geral, já pressentida por Freud e Lacan, foi formulada por Barthes: «É provável que exista uma única retórica, comum por exemplo ao sonho, à literatura e à imagem ».

4 A INFORMAÇÃO GRÁFICA

4.1 Definições

Adotamos como definições, as estabelecidas pela UNESCO em Paris (abril de 1961), através de um comitê para a Normalização Internacional de Estatísticas da Edição de Livros e Periódicos.

A primeira conclusão apresentada por este comitê foi a ligação da definição de livros com as de jornais e revistas, de todas as categorias.

Assim como os livros, os jornais e as revistas devem ser:

1. Impressos — incluindo não só os diversos processos de impressão mecânica como também os manuais.

2. Editados.

3. Oferecidos ao público — é necessário que o público possa obtê-los, seja pagando, seja gratuitamente.

Os jornais e revistas apresentam ainda as seguintes distinções:

4. Publicação em série contínua e sob o mesmo título.

5. Periodicidade, regular ou irregular, inferior a um ano (o que exclui os anuários, catálogos, almanaques, etc.).

6. Cada exemplar deve ser datado e geralmente numerado.

7. O jornal é apresentado como um produto dobrado ou dobrável enquanto que, a revista é encadernada.

8. A publicação de um jornal chega a ser cotidiana enquanto que, uma revista é no mínimo publicada semanalmente.

As características particulares de um jornal e de uma revista são muito mais numerosas e complexas do que as apresentadas nesta classificação mas, dada a linha de interesses à que o estudo se propõe, não se justifica aqui, explorar em detalhes, maior número de informações relacionadas à outras distinções, ou mesmo semelhanças, entre jornais e revistas.

A partir da classificação acima, determinamos como universo de trabalho um tipo de revista que, por ser semanal, apresentaria uma análise mais detalhada e profunda dos acontecimentos e teria conseqüentemente, uma linha editorial definida por uma categoria específica de revista — as de informação analítica.

4.2 Estabelecimento de suas Unidades Constitutivas

«Toda investigação, toda decisão, procede sucessivamente a partir da delimitação de um domínio determinado e, da redução desse domínio.» (1).

À determinação de um periódico de publicação semanal como campo de estudo, seguiu-se a redução do nosso enfoque à uma matéria — uma unidade redacional — objetivando consequentemente os elementos de análise.

Seguimos alguns pontos de metodologia de Jacques Kayser, um estudioso francês sobre a imprensa, que aconselha: «Cada tipo de estudo exige o estabelecimento de uma classificação particular, cujos elementos diferentes devem ser adaptados ao sujeito tratado.

A categorização não pode ser estabelecida *a priori*:

- Deve-se proceder por tato, por hipótese de trabalho, por verificações parciais, antes de fixar sua escolha.

- As categorias de estudo devem ser claramente definidas umas em relação as outras.

- Uma vez as regras estabelecidas, não se deve modificá-las jamais, seja o que for, durante a duração do estudo.

- Deve-se tomar em conta que cada número de um periódico é um elemento de uma série, diferente do número que o precede e diferente do que o segue, mas, é recomendado o procedimento de estudos comparativos e devem ser excluídos os números excepcionais do periódico, que comprometerão profundamente o alcance de sua assiduidade.» (2).

A partir da definição do objeto de nosso estudo como sendo uma unidade redacional, convém situá-la no interior de uma publicação. Distinguem-se na superfície de uma publicação duas grandes divisões: os espaços vendidos à publicidade, compostos de anúncios, e, os reservados à redação, ou seja, a superfície redacional, composta de unidades redacionais.

Uma unidade redacional compreende um certo conjunto da superfície redacional que pode ser isolado mantendo a integridade da informação que se transmite. É constituída de duas partes: uma, que utiliza o código pictográfico e outra, que utiliza o código tipográfico.

Segundo a definição de Jacques Kayser chamaremos de *ilustração*, a parte referente à: fotografias, desenhos, gráficos, etc; e que compõe o primeiro sub-conjunto ou elemento de estrutura de uma unidade redacional.

Na segunda parte, ou a que utiliza o código tipográfico, temos dois sub-conjuntos: os *títulos* e os *textos*.

Existem ambiguidades entre os elementos que utilizam as duas linguagens, como as legendas das ilustrações e os sub-títulos. Nos baseamos então na linguagem, na posição e no valor relativo de cada um, considerando a legenda como integrante da ilustração, já que lhe dá um sentido, explica e revela suas origens; e os sub-títulos como título, já que são parte dele e uma de suas variações; o que alteraria sua classificação seria apenas sua posição numa unidade redacional.

Temos, então, os três elementos constitutivos de uma unidade redacional: o título, o texto e a ilustração.

4.2.1 Título

Técnicamente o título se distingue do texto por sua apresentação que cria um contraste físico entre ele e o texto que cobre ou anuncia.

O título além de funcionar como um *apelo*, ou seja, chamando a atenção do leitor para a matéria, dá a ela uma identidade.

Consequentemente, o título além de hierarquizar a leitura é um elemento forte no nível semântico, porque para anunciar, cobrir, resumir ou complementar um texto, tem que informar o máximo, com um mínimo de palavras.

(1) Jacques Bertin - Sémiologie Graphique

(2) Jacques Kayser - Le Quotidien Français

Em relação à ilustração, ele se comporta de forma idêntica, só que utiliza um código diferente do usado por ela, logo a distinção entre um e outro é imediata.

4.2.2 Texto

Em uma unidade redacional o texto tem uma importância fundamental, já que é ele que a caracteriza, pois, sem o texto, deixaria de ser uma matéria, podendo até se transformar em outro tipo de informação gráfica.

«Todo texto se forma como uma série linear de signos e se manifesta na realização (material) e na percepção (fenomenal) como um produto unidimensional.

Texto é algo que é feito com a linguagem, portanto a partir da linguagem, é algo porém, que ao mesmo tempo a transforma, acresce, aperfeiçoa, interrompe ou reduz». (*)

4.2.3 Ilustração

A ilustração pode ou não estar presente em uma unidade redacional sem que a sua ausência altere a estrutura da matéria.

Pode no entanto, representar a testemunha ocular da notícia, como também resumir todo o conteúdo do título e do texto, em si mesma, e ainda pode aparecer algumas vezes como ponto central da matéria. Pode tanto ser o sujeito da notícia como ser apenas usada para dar ênfase ao que contém o título e o texto.

É o elemento de estrutura mais dinâmico de uma unidade redacional. Isto porque enquanto o código tipográfico (título e texto) codifica a notícia para descrevê-la ou explicá-la em uma leitura linear (com começo, meio e fim), a ilustração tem o seu significado percebido de uma forma global, analógica e imediata, descrevendo e explicando, ou eventualmente, sendo o *apelo* da matéria.

(*) Max Bense - Pequena Estética

4.3 Seus Níveis de Leitura

As diferentes situações perceptíveis que se estabelecem durante a leitura, quando divididas em níveis, não mantêm fronteiras precisas entre um nível e outro, por ser um processo acumulativo, onde cada nível depende do precedente para existir, e algumas ocorrências de um dado nível se superpõem às de outro.

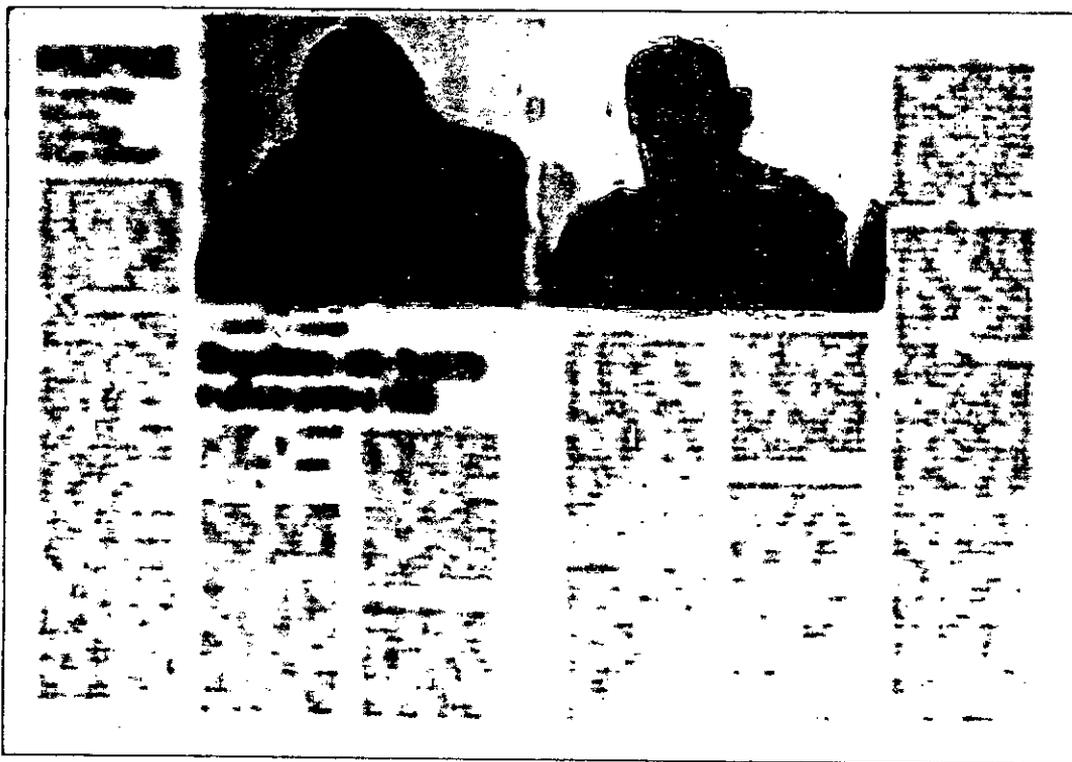
A divisão dos níveis de leitura que se segue, é por isso, uma classificação elementar do processo, ocorrendo em condições ideais, em que a atenção do receptor se supõe perfeita e a percepção integral.

O processo de leitura se classifica em três níveis básicos:

1. nível de leitura global;
2. nível de leitura média;
3. nível de leitura analítica.

4.3.1 Leitura Global

É a «não leitura» — o receptor apenas olha o objeto. A visão é de conjunto onde apenas superfícies e massas são percebidas. É, segundo a Gestalt, a «percepção do todo».



4.3.2 Leitura Média

É o momento em que o receptor começa a qualificar os detalhes. É quando acontece a segregação das unidades que constituem o conjunto, portanto o receptor passa da percepção do todo à das partes tomando consciência de parte da in-

formação. Alguns signos são constituídos — o receptor vê e começa a perceber. É, no nível da leitura média, que o receptor percebe uma manifestação visual, que corresponderia na linguagem verbal à entonação do discurso oral.

4.4 Estabelecimento de suas Unidades Distintivas

Toda informação gráfica tem como suporte o plano e é sobre ele, que se estabelecem suas unidades distintivas: as três figuras elementares da geometria: ponto, linha e superfície.

4.4.1 Ponto

É um momento do plano, é a unidade mínima da representação e a mais simples.

Segundo a matemática, dois pontos definem uma reta, uma série de pontos então, quanto mais próximos estejam, mais intensificam a capacidade que seu conjunto tem de guiar a olho e se converter em outra unidade visual, a linha.

4.2.2 Linha

Segundo Paul Klee e Kandinsky, quando um ponto se põe em movimento, nasce uma linha. Como vimos acima, um série de pontos quando muito próximos, acabam por se converter em uma linha.

A linha nunca é estática e tem sempre uma direção e um propósito. Uma linha é o limite entre duas superfícies. Duas linhas próximas ou mesmo uma série de linhas formam uma linha imaginária o que é, segundo a Gestalt, propriedade das relações entre figura e fundo, onde uma linha impressa cria uma linha ótica, como também caracteres em série (mesmo com uma separação entre eles) se unem formando uma linha.

4.4.3 Superfície

Duas linhas quando formam um ângulo sugerem uma superfície. Esse efeito é reforçado quando três linhas formam dois ângulos, e, quando uma quarta linha fecha uma figura qualquer, predomina o efeito de superfície sobre o de linha.

Uma superfície significa uma parte do plano. Pode ser formada não só por um contorno

determinando sua área, mas também por uma trama de pontos, uma trama de caracteres, uma trama de linhas puras, ou uma trama de linhas formadas por pontos ou caracteres.

Diversos autores consultados mostram através de experiências que não se pode separar completamente as qualidades formais das qualidades sensíveis. Quais seriam então as qualidades sensíveis de uma informação gráfica?

Na diagramação de uma informação gráfica as qualidades sensíveis são os efeitos que se obtém com a manipulação dos elementos formais que a constituem, empregando tratamentos gráficos específicos.

Quando se fala em qualidades sensíveis e tratamento gráfico não se pode ir muito além, sem antes observar as condições básicas que determinam o processo perceptivo humano. O emprego de um tratamento gráfico específico só vai ser realmente efetivo se não transgredir as regras básicas de assimilação de um estímulo visual.

Essa observação é feita através da Gestalt, quando podemos constatar que além da interferência da memória para organizar os estímulos visuais recebidos, uma série de outros fatores também influenciam a percepção de um objeto. No caso de uma informação gráfica temos a redundância que é o elemento que garante a inteligibilidade de um texto ou de uma imagem; «um receptor não é suscetível a aprender de maneira integral, na qualidade de forma, um número que ultrapasse a sua força máxima de informação perceptível. Se a mensagem escrita ou pictórica é em número superior à capacidade de assimilação do receptor, ele fica submerso, ultrapassado pelo originalidade da mensagem e se desinteressa. A mensagem sem redundância alguma, é portanto nenhuma forma *a priori*, é aquela que ao mesmo tempo, oferece maior facilidade para se obter uma mensagem exata, e é a mais frágil de todas as mensagens, sendo interessante notar, que é a mensagem mais desprovida de valor estético. Toda forma é a expressão de uma previsibilidade aleatória medida por um grau de coerência ou mais precisamente, por uma autocorrelação da sequência de elementos com ela própria.» (*)

(*) Abraham Moles - Teoria da Informação e Percepção Estética

Logo, para que uma forma seja percebida, precisa além da existência da memória no organismo receptor, de outras referências que não ela mesma, para poder se relacionar ou se opor, e explicar seu significado.

Considerando que as unidades distintas de uma informação gráfica contidas no plano (ponto, linha e superfície) possuem qualidades sensíveis estabelecidas através de um dado tratamento gráfico, resta saber quais são estas variações.

Segundo Jaques Bertin, uma imagem visual espontânea se cria sobre três dimensões homogêneas e ordenadas: as duas dimensões ortogonais do plano (na altura «x» e na largura «y») e sua variação retiniana «z», estabelecendo assim, suas posições absoluta e relativa no contexto. (*)

Temos então numa mancha gráfica oito variações visuais: duas relativas ao plano e seis retinianas, que são: tamanho, valor, grão, cor, orientação e forma, que tem propriedades significativas e capacidades de expressão diferentes. A permutação dessas dimensões é uma propriedade e, é ela que autoriza a manipulação visual e faz da diagramação um sistema de tratamento gráfico da informação.

A estrutura natural (x, y e z) da imagem visual não pode ser transgredida, ou seja, não existindo a leitura significativa de conjunto, não há o desempenho das relações essenciais que fornecem uma informação. Por outro lado, numa informação que obedece a esta estrutura natural da imagem, suas relações essenciais aparecem espontaneamente.

Como a matemática, a construção gráfica só se interessa pelas relações de semelhança, de diferença, de ordem e de proporcionabilidade entre os elementos gráficos, e dependendo do conteúdo da mensagem que se vai transmitir, as propriedades do tratamento gráfico podem ser extrapoladas aos mais diversos níveis. Como propriedades básicas de um tratamento gráfico temos:

Seleção (diferenciação ou redução)

Associação

Disassociação ou divisão

Ordenação

Quantificação (ampliação ou multiplicação)

Oposição

As duas variações do plano (na altura e na largura) tem a propriedade de expressar todas as relações, mas as seis retinianas só tem uma parte dessas relações:

Varição de Tamanho - é seletiva, ordenável e quantitativa

Varição de Valor - é seletiva e ordenável

Varição de Grão - é associativa, seletiva e ordenável

Varição de Cor - é associativa e seletiva

Varição de Orientação - é associativa e seletiva

Varição de Forma - é associativa e seletiva.

4.5 Estabelecimento de suas Unidades Significativas

Uma unidade redacional é, como já foi visto, um acontecimento sobre o plano, logo, os elementos de estrutura que a constituem (título, texto e ilustração) se comportam de formas distintas no plano, isto é, podem ter um comportamento pontual, linear ou superficial, dependendo do nível de leitura que sofre esse plano. Temos então:

4.5.1 Na Leitura Global

4.5.1.1 Título - Tem um comportamento superficial independentemente das suas características tipográficas.

4.5.1.2 Texto - Tem um comportamento superficial. A mancha visual que representa o texto, é formada por uma trama de linhas.

4.5.1.3 Ilustração - Tem um comportamento superficial. A mancha visual que a representa pode ser formada por pontos, linhas ou superfícies. Como já foi visto, a ilustração ou o código pictográfico é tudo que não pertence ao código tipográfico.

No nível global, como já foi descrito em 4.3.1, nenhum dos elementos de estrutura de uma unidade redacional, é portador de significado.

4.5.2 Na Leitura Média

4.5.2.1 Título - O comportamento do título é linear. Não temos mais uma mancha linear e sim palavras dispostas linearmente, com significado explícito.

4.5.2.1 Texto - O texto permanece com seu comportamento superficial, é um conjunto de linhas sem significado explícito.

4.5.2.3 Ilustração - A ilustração mantém seu comportamento superficial, como o título, só tem o seu significado explícito no nível médio de leitura. Podemos dizer que uma fotografia ou um desenho quando tem o seu sentido percebido pelo receptor, são lidos.

4.5.3 Na Leitura Analítica

O único elemento de estrutura que altera o seu comportamento é o texto, que passa a ter um comportamento linear, e como o título no nível médio, tem o seu significado explicitado.

Temos então o seguinte diagrama:

ELEMENTOS DE ESTRUTURA	NÍVEL GLOBAL DE LEITURA	NÍVEL MÉDIO DE LEITURA	NÍVEL ANALÍTICO DE LEITURA
TÍTULO	Superfície (sem significado explícito)	Linha (com significado explícito)	Linha (com significado explícito)
TEXTO	Superfície (sem significado explícito)	Superfície (sem significado explícito)	Linha (com significado explícito)
ILUSTRAÇÃO	Superfície (sem significado explícito)	Superfície (com significado explícito)	Superfície (com significado explícito)

Consideramos então como unidades significativas os elementos de estrutura de uma unidade redacional, quando por um comportamento dado em um nível de leitura determinado, são portadores de sentido.

Tem-se então descrito o processo de aquisição de significado dos elementos de estrutura de uma unidade redacional, através de suas unidades distintivas e dos níveis de leitura. Tomamos para a análise, o nível médio de leitura, onde coexistem visibilidade e legibilidade, ou seja, os três elementos de estrutura com comportamentos diferentes, onde dois, são lidos (títulos e ilustração) e um é apenas visto (texto).

5 ANÁLISE

5.1 Introdução

A primeira pergunta serviu então como primeira conclusão: a diagramação é, definitivamente, um instrumento ativo na significação de uma informação gráfica.

O que se seguiu foi um estudo que servisse de apoio a um questionamento (crítico) analítico. Esse estudo foi aos poucos ampliando a visão do problema e ao mesmo tempo gerando novas perguntas.

Não bastaria uma análise puramente formal, restrita somente aos *quesitos gráficos*, já que o problema se agravava. A mensagem gráfica era recebida aos poucos e em vários níveis, e desde o primeiro contato de leitura, já era um signo (ou super-signo). Portanto, já se concebia um significado através do significante em foco, e desde aí notava-se a regência da diagramação que, a partir da manipulação mais elementar de formas visíveis, se demonstrava parcial.

Como diagnosticar essa parcialidade, que para nós a princípio era óbvia, por pertencer ao nosso instrumento de trabalho diário? Como medir a interferência dessa manipulação que vai codificar e agenciar vários níveis de informação, desde o nível dos suportes físicos (as formas visíveis) até o nível das expectativas ideológicas, estabelecendo os elementos diferenciais no eixo da seleção (paradigmas), as relações sintagmáticas, a denotação e a conotação dos significados? Como encontrar uma classificação finita que possibilitasse cercar o problema e responder cada uma das perguntas em bases realmente seguras?

Resolveu-se então, direcionar nosso campo de análise à uma mensagem específica, ou seja, à uma informação gráfica de uma publicação periódica - a matéria, denominada neste estudo de unidade redacional.

5.2 Desenvolvimento

5.2.1 Quanto aos Elementos de Estrutura de uma Mensagem

O estudo e a utilização da semiologia e da sintaxe fundamentaram a nossa suspeita e nos forneceram dados que, a princípio, não nos pareciam tão interligados.

Temos num primeiro plano uma mensagem qualquer que, ao utilizar um determinado código de linguagem—o discurso — se transforma ou se comporta como uma informação.

A semiologia decifra os elementos mínimos dessa mensagem — os signos, com sua atuação no plano da linguagem (significante) e no pla-

no do conteúdo (significado). A sintaxe articula e dispõe esses elementos de significação na base de um código, quando os utiliza como sintagmas ou paradigmas; sintagmas quando no plano de expressão do signo (significante) e, paradigmas quando no plano do conteúdo (significado).

A unidade redacional foi então tomada como um enunciado finito, de sentido completo quando assim, aceitaria uma análise através da sintaxe, que seria capaz de desestruturar as várias sub-divisões e conferir-lhes funções, fornecendo subsídios à avaliação de sua rotina e de seu comportamento.

MENSAGEM		INFORMAÇÃO GRÁFICA
Semiologia	Sintaxe	Diagramação
SIGNO	DISCURSO/ENUNCIADO	MATÉRIA/UNIDADE REDACIONAL
Significante Significado	Sintagma Paradigma	Título, Texto e Ilustração Tratamento Gráfico

Esta unidade redacional — a matéria — então, composta graficamente em dois códigos básicos (tipográfico e pictográfico) e contendo três unidades constitutivas (título, texto e ilustração), foi observada como um período gramatical — o discurso gráfico.

Um período gramatical pode ser formado de um ou vários sintagmas oracionais, e, seria simples, se fosse constituído de um só sintagma oracional, quando a análise sintática o qualifica de oração absoluta.

O período composto é o que se constitui de mais de um sintagma oracional ligados. Neste caso, existem dois tipos de relação entre estes sintagmas: por subordinação, quando se estabelece uma relação de dependência entre eles e automaticamente um é o principal: e, por coordenação, quando existe uma sequência de sintagmas, cons-

tituída pelo encadeamento de sintagmas de valores sintáticos idênticos.

Tentando fixar um contexto no qual coubessem as reais características de uma informação gráfica ou unidade redacional, estabelecemos um questionamento que demonstra qual ou quais dos tipos de relação, subordinação ou coordenação, ocorrem entre os nossos sintagmas: título, texto e ilustração.

Esse questionamento se desenvolveu tomando como situação, o nível médio de leitura, o momento híbrido que contém características do nível global e do analítico.

Assim, as possíveis correspondências seriam determinadas nas seguintes combinações de sintagmas:

TÍTULO
 ILUSTRAÇÃO
 TEXTO
 TÍTULO
 TÍTULO E ILUSTRAÇÃO
 TÍTULO E TEXTO
 ILUSTRAÇÃO E TEXTO
 TÍTULO E TÍTULO
 ILUSTRAÇÃO E ILUSTRAÇÃO
 TEXTO E TEXTO

Tomou-se cada uma dessas combinações para conferir-lhes as funções sintáticas de sujeito e objeto, quando se perguntou:

QUEM (sujeito) PODE COORDENAR O QUE (objeto)?

QUEM (sujeito) PODE SUBORDINAR O QUE (objeto)?

Elaborou-se então um diagrama de respostas «sim ou não», onde os «pretos» correspondem à possibilidade de relação (subordinação ou coordenação) e os «brancos», à impossibilidade.

		COORDENAÇÃO								
		OBJETO								
SUJEITO		TÍTULO	ILUSTRAÇÃO	TEXTO	TÍTULO E ILUSTRAÇÃO	TÍTULO E TEXTO	ILUSTRAÇÃO E TEXTO	TÍTULO E TÍTULO	ILUSTRAÇÃO E ILUSTRAÇÃO	TEXTO E TEXTO
TÍTULO										
ILUSTRAÇÃO										
TEXTO										
TÍTULO E ILUSTRAÇÃO										
TÍTULO E TEXTO										
ILUSTRAÇÃO E TEXTO										
TÍTULO E TÍTULO										
ILUSTRAÇÃO E ILUSTRAÇÃO										
TEXTO E TEXTO										

		SUBORDINAÇÃO								
		OBJETO								
SUJEITO		TÍTULO	ILUSTRAÇÃO	TEXTO	TÍTULO E ILUSTRAÇÃO	TÍTULO E TEXTO	ILUSTRAÇÃO E TEXTO	TÍTULO E TÍTULO	ILUSTRAÇÃO E ILUSTRAÇÃO	TEXTO E TEXTO
TÍTULO										
ILUSTRAÇÃO										
TEXTO										
TÍTULO E ILUSTRAÇÃO										
TÍTULO E TEXTO										
ILUSTRAÇÃO E TEXTO										
TÍTULO E TÍTULO										
ILUSTRAÇÃO E ILUSTRAÇÃO										
TEXTO E TEXTO										

E, de algumas perguntas, um universo de fatores começou a se fechar:

• As possibilidades de relações entre sintagmas em períodos compostos por coordenação são maiores que as dos compostos por subordinação. Isto é causado pela coordenação admitir sintagmas de mesmo valor sintático podendo, ora serem sujeitos, ora serem objetos, o que ficou claro na simetria do diagrama de coordenação.

• A subordinação quando gera dependência entre os sintagmas, admite a importância de uns em relação a outros no enunciado. Essa importância variaria de acordo com os níveis de leitura, quando, por exemplo, no nível analítico, em que os significados de cada signo estão explícitos, a legenda pode subordinar uma ilustração e no nível médio não tem significado, e é subordinada e parte integrante da ilustração.

Inconciliáveis — A esperança, um arraigado desejo de soluções, instrutas e indefinidas, acossamentos, de mudanças impetuosas como uma renovação que pressiona o subconsciente sem conseguir aflorar, há de ser sido o pó de cada dia de José de Souza Lima, desde menino, desde o longo período passado num internato em Petrópolis, num colégio de freiras. Treinado para ser esposa e mãe, João casou-se aos 21 anos, com um sócio do seu pai, Roberto, de 28. E, em dez anos de casamento, ela pôs em prática, até a exaustão, a teoria assimilada na infância e na adolescência, admiravelmente bem comportada — mas a esperança há de tê-la acompanhado, porque viu de novo deslizando sobre o tapete dos anos. E recolhendo, face línea e contido persistente, a noção, os detritos míudos das insatisfações tão comuns aos que se nam de olhos abertos.

Casaram-se, tiveram filhos — mas a felicidade, aquela tão procurada e tão solidamente imaginada, vizinha de casa ou fada dos cabelos azuis de Pinóquio, onde andava a felicidade? Roberto era um homem simples, esquivo de qualquer gênero de orientação, à procura de uma esposa eficiente como dona de casa e como mãe. Ela era um conto de fadas; ele, uma comédia da Metro dos tempos de Van Johnson e June Allyson. Obvios, Roberto e João, cada um a seu modo — e inconciliáveis.

Uma arte delicada — "Guarda bem, juiz, presta atenção", pede o doutor Pedro. "É o processo de João de Souza Lima que estou contando". A cabeça entre as mãos, Roberto Lobato procura uma palavra, enquanto Pedro Aleixo, pouco além das 18 horas, apresentado pelo ministro público que preza o objetivo "doutor" para qualificar a tribuna e a defesa e os adjetivos "fino" e "calculado" para qualificar o assassinio toma a palavra. Mas antes disso, ao longo de dez horas com duas interrupções o passado tinha voltado no departamento das testemunhas. Inquirindo-as, o doutor Pedro lembrava um garimpeiro ciscando no cascalho em busca de pedras. Parecia encontrá-las à batelada. Perguntava, ouvia a resposta e triunfante encaminhava outra pergunta com o olhar feiz de quem anticipava as informações necessárias às suas teses.

Esta inquirição, diz o velho mestre, é uma das artes mais delicadas de advocacia criminal. Queramente a testemunha comparece comprometida com uma das versões do fato. O esforço é apurar onde e por que ela tem a inclinação perniciosa. Se ela for conscientemente fidedigna cabe ao advogado destruí-la. Se inconscientemente fideleira, a malícia converte-a à verdade.

Barbarrões divergentes — Com sua

Arrochado na postulação...

e nas expressões fortes

A impressão de reportagem

...observando a testemunha...

e pensando em seu processo

Pedro Aleixo: fazendo a pergunta...

N.º 215 - 18-10-72

Exemplo de legenda subordinando as ilustrações, no nível analítico de leitura.

- O texto, em qualquer nível de leitura é subordinado ao título, além de ser também, no nível médio e global, objeto de subordinação da ilustração, quando não é portador de significado e somente seu aspecto formal não o possibilita subordinar outro sintagma. Mas, sua superfície é um importante sintagma de coordenação, quando complementa ou influencia outro sintagma contribuindo, também, como orientador do percurso de leitura.

- Nos dois diagramas foram eliminadas as relações que envolvem dois títulos, ou como objeto ou como sujeito, pois não existem numa mesma unidade redacional dois títulos — um deles é automaticamente sub-título, e estes foram incluídos na categoria «título». O mesmo aconteceu com o texto, já que, uma unidade redacional também só comporta um.

- A ilustração é o sintagma mais versátil de um enunciado gráfico. Pode não aparecer, como pode aparecer uma ou várias vezes numa mesma unidade redacional, e, utiliza o código de expressão mais persuasivo — o pictográfico. Sendo tão eficiente, ora subordina, ora coordena, ou ainda pode ser objeto de uma subordinação ou de uma coordenação.

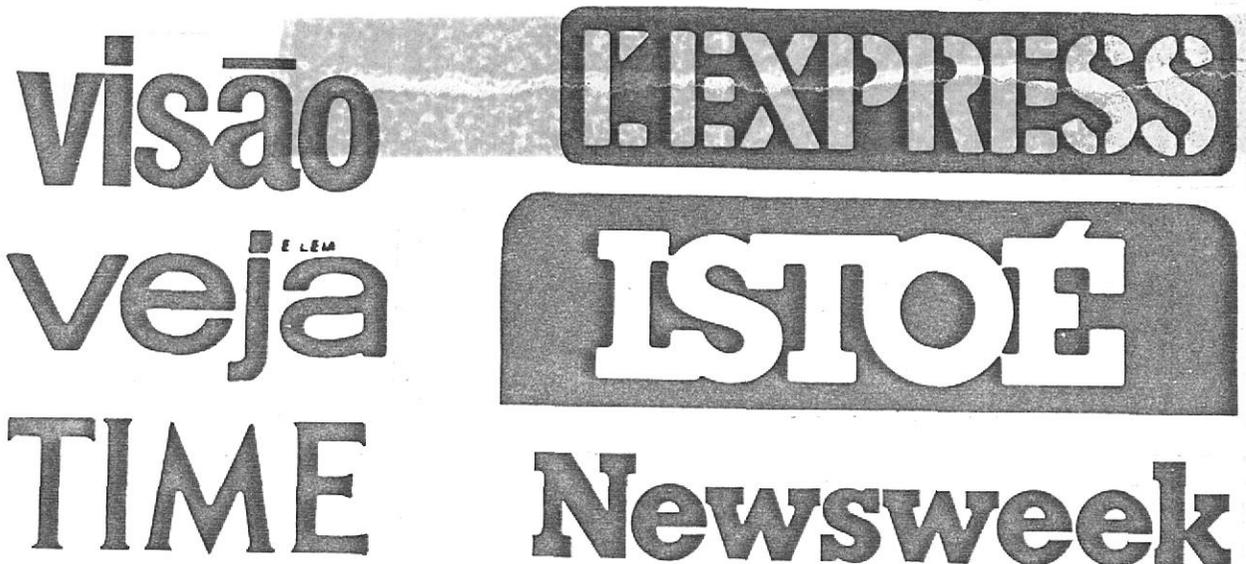
5.2.2 Quanto à Mensagem como Informação Gráfica.

Na escolha de periódicos condicionou-se buscar, do tipo de publicação ao tipo de redação e apresentação, sempre a posição editorial considerada mais neutra, de forma que, se evidenciasse até o menor grau de anormalidade.

As revistas escolhidas são as que se propõem o mínimo possível a se vender como produto e o máximo possível a informar seus leitores, o que é *perfeitamente demonstrado em sua apresentação*, e o que faz o tratamento formal se direcionar às mensagens especificamente, e encobrir qualquer tratamento havido na linguagem de transmissão.

Roland Barthes nos lembrou do «aspecto enfático da publicidade, seus signos plenos e sua estratégia cuidadosa, não raro, objeto de análises semiológicas, já que opera com pressupostos ativos e evidentes no que se refere ao significado mediado por um significante».

Quando em nosso estudo sobre a sintaxe (3.3), constatamos claramente a utilização de recursos retóricos em todo e qualquer discurso, na publicidade era óbvio, mas, nós deveríamos examinar um certo tipo de publicação periódica que teria como linha editorial uma determinada imparcialidade e uma notória sobriedade.



E esse foi o resultado mais importante: utiliza-se recursos de expressão nos códigos tipográfico e pictográfico, que, no nível mais superficial de leitura já caracterizam variações, tendências, oposições, etc. E mais ainda, que essa utilização da retórica ocorre em unidades redacionais de uma publicação que em nada se parece, e nem se propõe a parecer, com o anúncio publicitário ou com um jornal *sangrento*.

POLÍCIA
Grandes cidades inseguras

Já se encontram a disposição dos interessados, nos primeiros dias de janeiro, os primeiros resultados das pesquisas de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, as maiores cidades brasileiras. As pesquisas são feitas em todo o país, em todas as cidades, com o objetivo de avaliar a situação de segurança pública e a confiança dos cidadãos em relação à polícia. Os dados são coletados por meio de questionários distribuídos em domicílios e em locais públicos. O objetivo é obter informações sobre a percepção da população em relação à segurança pública e à atuação da polícia. Os dados são coletados em todas as grandes cidades brasileiras, com o objetivo de avaliar a situação de segurança pública e a confiança dos cidadãos em relação à polícia.

Capital de mundo — É tão possível que, no meio de uma semana, tenhamos um número maior de pessoas capazes de cometer crimes do que em qualquer outra época do ano. Isso acontece porque, em São Paulo, há uma grande concentração de pessoas, o que facilita a ocorrência de crimes. Além disso, a cidade é conhecida por sua alta taxa de criminalidade, o que contribui para a sensação de insegurança entre os cidadãos. A polícia enfrenta grandes desafios para manter a ordem pública em uma cidade tão grande e tão movimentada.

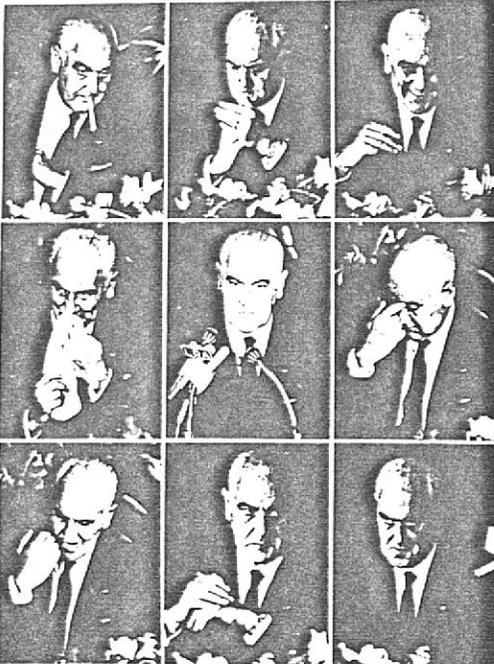
Capital de mundo — É tão possível que, no meio de uma semana, tenhamos um número maior de pessoas capazes de cometer crimes do que em qualquer outra época do ano. Isso acontece porque, em São Paulo, há uma grande concentração de pessoas, o que facilita a ocorrência de crimes. Além disso, a cidade é conhecida por sua alta taxa de criminalidade, o que contribui para a sensação de insegurança entre os cidadãos. A polícia enfrenta grandes desafios para manter a ordem pública em uma cidade tão grande e tão movimentada.

em termos de sua planície abertíssima, com um pouco de 979 hectares, em um terreno de topografia que é o tipo clássico de terra de várzea. A área é conhecida por sua alta taxa de criminalidade, o que contribui para a sensação de insegurança entre os cidadãos. A polícia enfrenta grandes desafios para manter a ordem pública em uma cidade tão grande e tão movimentada.

em termos de sua planície abertíssima, com um pouco de 979 hectares, em um terreno de topografia que é o tipo clássico de terra de várzea. A área é conhecida por sua alta taxa de criminalidade, o que contribui para a sensação de insegurança entre os cidadãos. A polícia enfrenta grandes desafios para manter a ordem pública em uma cidade tão grande e tão movimentada.

em termos de sua planície abertíssima, com um pouco de 979 hectares, em um terreno de topografia que é o tipo clássico de terra de várzea. A área é conhecida por sua alta taxa de criminalidade, o que contribui para a sensação de insegurança entre os cidadãos. A polícia enfrenta grandes desafios para manter a ordem pública em uma cidade tão grande e tão movimentada.

A diagramação utilizando o sensacionalismo de um jornal.



VEJA

O encontro no Planalto: factaram porros no início e mais hora depois

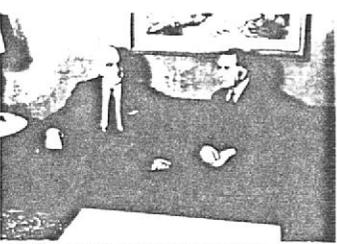
de pela propaganda de certo dia. E
 tanto sempre ocorre, nunca acabou, ca-
 da um certamente se trata de uma em-
 que controla seu ritmo. A eclosão era
 facto. O Brasil responderia oficialmente a
 empreitada dos caçacos. Em troca, os
 argentinos se recusaram a assinar qual-
 quer comunicado conjunto. Desde então
 o Brasil manifestava novamente sua in-
 teração. Então, provavelmente, Latorre
 tentaria seu acerto de volta para Buenos
 Aires. O chamado "chamará" seu em-
 barazado logo, não precisava ser
 chamado para estar em Brasília. A Ar-
 gentina também chamaria o seu. As dis-
 putes seriam concentradas na fronteira e
 finalmente nunca se haveria de saber
 como, por culpa de um disparo adesti-
 nado, começaria a guerra entre o Império
 do Brasil e o Vice-Reinado do Prata, se-
 lho sobre o momento adequado por
 soldados acampados em dois lados da
 fronteira.

O novo brasileiro — Mas quando o
 senhor terminou e os garçons envolvidos
 do Latorre apareceram as vistas dos gran-
 des candidatos de praça regresa um
 pequeno grupo de pessoas saiu na noite
 de Brasília para estudar a melhor for-
 mula para o problema que, tudo con-
 firmava. Latorre estava tentando criar
 esse grupo formado por colaboradores
 da presidência e por diplomatas, reunidos
 ao ar ao 3 da manhã de terça-feira, às
 10, no Latorre, e o ministro Mano Gil-
 son Barbosa dava o ditado inicial de diplo-
 macia brasileira dizendo ao condôcor
 o chamado João Maria De Paulo Pinto
 como a Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul
 "nenhum homem de responsabilidade
 no governo pode ignorar grandes ali-
 ções históricas e geográficas existentes
 entre o Brasil e a Argentina sob pena de
 não ser considerado para entrar no sa-
 do". As 12h30, com meia hora de atra-
 so, o presidente Latorre saiu a campo
 do Planalto para sua entrevista com Me-
 dici. Ela deveria durar pelo menos 45
 minutos e acabou com quinze. Para um
 a redução era a prova do desconcerto
 conferido pelas incoerências recíprocas
 dos dois presidentes. Mas um quarto de
 hora, foi o suficiente para que Latorre
 explicasse a Medici que os dois "caço-
 rões" eram mal intencionados e preten-
 diam acabar juntos, mas cada um pro-
 nunciamento. Isso pode ser certo. No
 entanto, a explicação não elimina dois
 factos óbvios: 1) nada impedia a comu-
 nicação Argentina de submeter, mesmo que
 com cinco minutos de antecedência, as
 duas entretas aos diplomatas brasileiros.
 2) quando mais claro Latorre começava
 a ser do seu discurso, mais hostil se
 via a política externa brasileira que se
 havia concentrado com a redução, apre-
 sentada respectiva apenas as regras do
 protocolo, mas não endossava nenhum
 conteúdo.

Com o problema criado, de pouco
 adiantavam as explicações e por isso fe-
 chadas e como o Brasil não estava in-
 teressado em explicar a crise estabeleceu-
 se uma linha de conduta mais contida,
 vel que a fronteira o texto do comuni-
 cado conjunto. Os dois presidentes discu-
 tiam as linhas mestras do documento com
 a presença de dois nomes e vizinhos im-
 portantes de ministros: Lúcio Barbosa e
 De Paulo Pinto. Começava um novo tipo
 de trabalho onde criar problemas adan-

tava muito pouco e resultava em
 mesmo Latorre para tentar o combate.
 O problema foi entregue aos dois chan-
 çotes e quando Medici levou Latorre
 de volta ao campo, pelo exército inter-
 do palácio, chegou um novo negociador
 a sala privada do presidente, o mi-
 nistro João Latorre de Albuquerque
 de Latorre. E, pelo condôcor, dois outros
 Antônio Azevedo da Silva e Paulo S.
 legas embaixadores do Brasil na Argen-
 tina e da Argentina no Brasil.

Exerça os factos? — A partir dessa mo-



Góes deu a Grã-Cruz e o troco a De Paulo apertou e descompartilhou

A diagramação utilizando para uma unidade redacional o mesmo recurso de um anúncio publicitário.

Com um pouquinho de consegue falar o nome



boa vontade, qualquer um de nossa empresa.

Se quiser tentar, esteja à
 vontade, o nome é Hoechst.
 Vale a pena tentar mais uma
 vez. Hoechst, uma das maiores
 indústrias químicas e
 farmacêuticas do mundo, com
 fábricas e laboratórios em mais
 de 120 países.

O trabalho de pesquisas e
 desenvolvimento de produtos e
 métodos da Hoechst, é
 realizado de braços abertos por
 agricultores, químicos,
 médicos, veterinários,
 químicos, gráficos,
 engenheiros, fotógrafos,
 modestos, etc.

E aqui no Brasil, a Hoechst
 conta com 3 fábricas. É
 esportivos e finais, e mais quase
 uma dezena de empresas
 associadas, num gigantesco
 programa de pesquisa.

Através, a Hoechst já fez
 muitas coisas boas.
 E pretende fazer muito mais
 ainda.

Atina, com dedicação e esforço,
 se consegue tudo na vida.
 Até mesmo falar o nome de
 nossa empresa.

HOECHST DO BRASIL S.A.
CAIXA DE PÓS-EMBALAGEM S.A.
1211 SÃO PAULO, SP




Aos poucos foram observadas algumas curiosidades.

Por exemplo, existindo um «espelho» que demarca a diagramação, formado neste tipo de revista por três colunas, por que sofria transgressões e variações num mesmo exemplar? E isso, definitivamente, tinha uma razão: as colunas se estreitam e aumentam seu número por página, à medida que o assunto é descrito superficialmente. Os ensaios utilizam duas colunas largas enquanto que as notícias curtas («Gente», «People», «Notes Affaires», etc.) ocorrem em quatro colunas estreitas. Richaudeau, explica o fato, quando em seu livro *Lisibilité*, nos diz que a largura ideal de colunas, para um texto em corpo 10 é de 6 a 8 cm e, o aumento dessa largura impede interrupções na leitura quando se muda de linha, portanto, o ritmo de leitura é mais lento quanto mais larga for a coluna.

O MODELO NASCE DAS URNAS

Novos resultados eleitorais, o governo pode encontrar o caminho das reformas políticas

A parte, portanto, apenas duas semanas das eleições, todo parece ter se agitado, ficando oficial e indutor que o último assunto da periodização nacional talvez se tenha consumado e se consumido no ciclo recente realmente digno de ser tratado. Por que o modelo não tenha sido tratado antes? Afinal, eleições livres e tranquilas não são propriamente uma conquista recente da república política nem um fruto das lutas que se travaram e desataram. E a surpresa dos primeiros votos apurados, depois de confirmação, da ação da noção nacional das urnas, não é propriamente um fato novo. E, desde que o candidato de cada coluneta deixava de ser apenas um nome, mas também uma pessoa, o modelo não era apenas um nome, mas também uma pessoa, o modelo não era apenas um nome, mas também uma pessoa, o modelo não era apenas um nome, mas também uma pessoa...

pe de finalização, mantendo talvez que iam dando o professor Miguel Kuczaj, um especialista em Direito Constitucional, com introdução nas bases de organização, até o sociólogo Gilberto Ferrer, que julgamos a fórmula com a teoria da modernidade. Deste esforço, não se esqueça o programa partidário. Na Escola Superior de Guerra, mas também de laboratório chegou a ser base de currículo, formando o professor Manuel Gonçalves Ferrer Filho, um dos relatórios que compõem esse programa, com alguns conceitos básicos de seu livro "A Democracia Positiva" — todo se propõe a pensar tudo por uma complexa reforma do sistema eleitoral brasileiro. Hoje, reorganizado em São Paulo com algumas ações no município de São Paulo para a revisão do sistema eleitoral brasileiro. Hoje, reorganizado em São Paulo com algumas ações no município de São Paulo para a revisão do sistema eleitoral brasileiro...

seu, entre alguns aspectos dos projetos do MDB, mesmo eleições, ter havido alguma aproximação, mas quando o trabalho de aproximação parecia melhor que em alguns casos, se podia ter sido feito de outras maneiras, desde que se não houvesse burocracia, social, administrativa, ou mesmo de qualquer natureza, para impedir o trabalho de aproximação de ser feito em condições de igualdade de condições...

E verdade que confortável ele nunca foi. Há algumas razões para supor que o sistema foi concebido por favorcimento e nunca chegou a ter um regulamento interno. Mas os milhares de condôminos que se estabeleceram em suas habitações, porém, não se aventuraram a procurar outras soluções para a alternativa feita para as habitações construídas em interseções políticas. Mas, nos próximos meses, é possível que a Aerea passe por uma completa reforma, orientada segundo as lições de sua própria história e dentro de um mandato de atual governo e que desequilibrará ainda mais a capacidade estrutural do partido, mas também não exageradamente longo a ponto de impedir a manutenção de seus Aerea em eleições municipais dentro de dois anos. Mas que as últimas eleições parlamentares, será mais, onde estarão em disputa mais de 1.000 cadeiras de prefeito, que será feita a validação de — após digno de respeito — sistema partidário brasileiro. Para presidente Ernesto Geisel, com revolvimento de líderes arruadas, o interesse das habitações de re-crear incluindo eleitoral...

Com eleições livres e tranquilas, o modelo não era apenas um nome, mas também uma pessoa, o modelo não era apenas um nome, mas também uma pessoa, o modelo não era apenas um nome, mas também uma pessoa...

VEJA 27 DE NOVEMBRO 1974

Exemplo da utilização de 2 colunas

Os 80 anos do papa

Em meio a novas expectativas sobre sua renúncia, ele se enfrenta doença e cansaço

Paulo VI chegou aos 80 anos de idade em 26 de setembro de 1963. O papa romano nasceu em 26 de setembro de 1897 em Concesio, na Itália. Ele nasceu em uma família de camponeses. Seu pai, Giuseppe, era um pequeno agricultor. Seu irmão mais velho, Agostino, tornou-se um sacerdote. Paulo VI estudou no seminário de Concesio e depois no seminário de Vigonza. Ele foi ordenado sacerdote em 1923. Depois de servir em várias paróquias, ele foi nomeado bispo de Mantova em 1955. Em 1962, ele foi eleito papa.



Paulo VI, a modernidade entre os extremos

Paulo VI chegou aos 80 anos de idade em 26 de setembro de 1963. O papa romano nasceu em 26 de setembro de 1897 em Concesio, na Itália. Ele nasceu em uma família de camponeses. Seu pai, Giuseppe, era um pequeno agricultor. Seu irmão mais velho, Agostino, tornou-se um sacerdote. Paulo VI estudou no seminário de Concesio e depois no seminário de Vigonza. Ele foi ordenado sacerdote em 1923. Depois de servir em várias paróquias, ele foi nomeado bispo de Mantova em 1955. Em 1962, ele foi eleito papa.

Paulo VI chegou aos 80 anos de idade em 26 de setembro de 1963. O papa romano nasceu em 26 de setembro de 1897 em Concesio, na Itália. Ele nasceu em uma família de camponeses. Seu pai, Giuseppe, era um pequeno agricultor. Seu irmão mais velho, Agostino, tornou-se um sacerdote. Paulo VI estudou no seminário de Concesio e depois no seminário de Vigonza. Ele foi ordenado sacerdote em 1923. Depois de servir em várias paróquias, ele foi nomeado bispo de Mantova em 1955. Em 1962, ele foi eleito papa.

Paulo VI chegou aos 80 anos de idade em 26 de setembro de 1963. O papa romano nasceu em 26 de setembro de 1897 em Concesio, na Itália. Ele nasceu em uma família de camponeses. Seu pai, Giuseppe, era um pequeno agricultor. Seu irmão mais velho, Agostino, tornou-se um sacerdote. Paulo VI estudou no seminário de Concesio e depois no seminário de Vigonza. Ele foi ordenado sacerdote em 1923. Depois de servir em várias paróquias, ele foi nomeado bispo de Mantova em 1955. Em 1962, ele foi eleito papa.



"Pai Santissimo, pedindo perdão de quem se esqueceu a altura dessa tarefa!"

Paulo VI chegou aos 80 anos de idade em 26 de setembro de 1963. O papa romano nasceu em 26 de setembro de 1897 em Concesio, na Itália. Ele nasceu em uma família de camponeses. Seu pai, Giuseppe, era um pequeno agricultor. Seu irmão mais velho, Agostino, tornou-se um sacerdote. Paulo VI estudou no seminário de Concesio e depois no seminário de Vigonza. Ele foi ordenado sacerdote em 1923. Depois de servir em várias paróquias, ele foi nomeado bispo de Mantova em 1955. Em 1962, ele foi eleito papa.

Exemplo da utilização de 3 colunas

People

At the Riverside Park in Manhattan, New York, a group of people are seen at a social gathering.

At the Riverside Park in Manhattan, New York, a group of people are seen at a social gathering.

A woman in a dress is seen at a social gathering.

A group of people at a social gathering.

Exemplo da utilização de 4 colunas

A group of people at a social gathering.

5.2.3 Quanto à Retórica

Toda linguagem possui um vocabulário e uma sintaxe. Seus elementos são módulos com significados fixos e, destes pode-se construir, de acordo com as regras da sintaxe (ou mesmo contra elas) símbolos com novos significados resultantes.

Quando vimos as interligações entre semiologia, sintaxe e diagramação, com seus métodos de abordagem e de funcionamento, tentamos superpor um processo (ou uma rotina) a outro.

O desenvolvimento de nossa análise, nesta etapa, é direcionado à retórica pelos seguintes fatores:

- a figura de retórica é uma operação que parte da proposição simples e modifica certos elementos dessa proposição;

- e, principalmente, a unidade redacional será encarada como um período gramatical, portanto, uma proposição.

É importante lembrar que assim como a linguística não é prescriptiva, a semiologia não é normativa: não dita *regras de criação*. Simplesmente quanto mais cresce o grau de lucidez de um criador a respeito do que faz, mais aumenta essa lucidez, mais pode afirmar-se seu domínio dos signos e mais se desenvolve sua consciência da responsabilidade dos signos.

A *dose poética* buscada e tantas vezes encontrada em qualquer proposição é então o campo de atuação da retórica. Assim como na poesia, o poeta não se prepara para *fazer uma metáfora* (ela é feita e depois constatada), numa construção gráfica ocorre exatamente o mesmo. O *criador* arbitra seus signos e opera o tratamento gráfico. Se nesta hora, a proposta é obter uma determinada figura de retórica (logicamente não é assim chamada), essa atitude é ainda muito inconsequente e, baseada somente em compor determi-

nadas formas e determinadas relações, sem maiores preocupações com a consequência desses resultados, que podem transmitir qualquer espécie de tendência, ou entonação, ou mesmo parcialidade.

Com o objetivo de medir essa parcialidade da diagramação na manipulação dos elementos constitutivos de uma unidade redacional, foram eliminados de nossa análise os exemplares e exemplos considerados excepcionais e buscadas as ocorrências significativas, dentro das situações assíduas ou normais de cada periódico.

Assim, uma vez comprovada alguma variação formal (plano do significante) nessa considerada *normalidade*, o significado da unidade redacional deveria receber uma mudança correlativa. A responsável por esta variação seria então a diagramação e, cada comprovação, mostraria como medir essa responsabilidade e quais os recursos utilizados na construção gráfica.

Sabemos que um sintagma é valorizado em oposição a outro, e essa oposição, distintiva ou significativa, se situa na organização interna do enunciado, portanto ao nível do paradigma, prendendo-se ao significado do enunciado.

Vimos também que a diagramação quando confere um tratamento formal à uma unidade redacional, no caso de nosso estudo, só teria como compromisso a respeitar, as normas gráficas básicas de cada periódico, portanto seu número de instrumentos e de recursos continuaria intacto. A mensagem poderia ter como correspondência formal uma infinidade de possibilidades.

No que se refere à essa utilização de recursos para a formulação gráfica de uma mensagem, estabeleceu-se uma equivalência entre as operações das figuras de retórica com as operações da diagramação (que chamamos no item 4.4 de propriedades de um tratamento gráfico).

Teríamos então:

Referentes às operações da Retórica	Referentes às operações da Diagramação
adjunção ou união	associação ordenação quantificação, ampliação ou multiplicação
supressão ou retirada	seleção, diferenciação ou redução disassociação ou divisão
substituição	seleção e associação
troca	seleção recíproca

Com essa equivalência estabelecida teoricamente, que permitiria à diagramação manipular as diversas figuras de retórica, passamos ao exame propriamente dito, em que se questionou a atuação da diagramação, ainda em seu raciocínio conceitual, através da sua apresentação formal.

A nossa atitude nessa análise não foi a habitual tida por um leitor ao folhear ou ler uma revista. Cada exemplo observado nos exigiu uma investigação que deveria percorrer um processo inverso ao do leitor. O resultado formal encontrado nos estimularia a formular perguntas e o estudo teórico nos levaria até a emissão de cada mensagem, possibilitando questionar e explicar cada estágio desse processo.

Definido o sistema, aplicá-lo a alguns exemplos selecionados da amostragem recolhida, foi o passo natural. Esses exemplos serviriam também, para operar o sistema e, nessa operação, comprovar a existência de uma linguagem de transmissão precisamente elaborada e consciente e que, ainda num nível médio de leitura, é perfeitamente capaz de conter, através do uso dos mais variados recursos, os diversos níveis de significação de cada mensagem.

Não haveria necessidade de se buscar um exemplo de cada item a ser questionado ou para cada figura de retórica, já que, o principal objetivo era estabelecer o aspecto enfático da relação entre significante e significado numa unidade redacional.

O primeiro exemplo se apresenta em duas páginas onde estão contidas três unidades redacionais e duas delas estão associadas de maneira tendenciosa.

Visa Time Again on Taiwan

An old ally braces for new troubles

On the eve of the 10th anniversary of the establishment of the People's Republic of China, the United States is once again faced with the problem of Taiwan. The issue is not only a diplomatic one, but also a strategic one. The United States has a long and complex history with Taiwan, which has been a source of both cooperation and conflict. The current situation is particularly delicate, as the United States seeks to maintain its strategic interests in the region while also supporting the principles of self-determination and human rights. The article discusses the challenges facing the United States and the implications for the future of Taiwan.

The World

Highly negative reports \$5 billion loss

Taiwan's economic growth rate more than 10% in most of the years since the 1960s, has now slowed to 7% in 1972. During the worldwide recession of 1971-72, Taiwan's economy suffered a sharp annual drop for a while, but the figure has since brought that down to less than 1%.

Taiwan has taken care to maintain its ties with its trading partners by leaving out formal ties through the establishment of quasi-official trade and cultural offices. In the most important of these, private trade relations with Japan, which are handled through the Association with Taiwan, is staffed by Foreign Office officials on temporary duty. Japan does more business with Taiwan than the five of more with Taipei and established relations with Peking in 1972.

There was all the more over a possible break with the U.S. Some experts maintain that the abrogation of the American defense commitment to Taiwan would result in a scenario in which an emboldened Peking would attempt to fight on foreign coasts and invade ways from the island by threatening a massive reprisal or military action. If so, people are scared off, says one top government official. The economic consequences could be disastrous.

Taiwan could perhaps fend off a military attack from the mainland. Taiwan's 300,000-man air force, which includes advanced U.S. F-101 fighters, is considered superior to the mainland's conventional forces. However, the Communists do not have the amphibious craft needed to land troops on the island. Still, a U.S. decision to break its formal ties with Taipei could be disastrous to Taiwan's morale. But until it happens, it does not seem to be a way of knowing how serious the psychological blow to Taiwan will be if it does, finally, in fact, sever ties.

Springing Some More Surprises

The Begin puzzle

In the two months that he has been Israeli Prime Minister, Menachem Begin has proved to be something of a puzzle to the Carter Administration—and to the Arabs as well. His Israel coalition barely outlasted its power in an upset election, and Begin, a mild-mannered former oil-derrick worker who looks all of 40, has in two years seemed like a man of destiny. Yet today, Begin is making a high wave of popularity in Israel. During the Washington visit last month, Begin's able and unassuming exterior was recognized in the Middle East. There, as well as he got back to Jerusalem, he convinced the Carter Administration by legitimizing three previously unacknowledged Israeli settlements that had been built on the West Bank. More than that, Foreign Minister Moshe Dayan announced that Israel would accept the foreign rule—meaning over Jordanian—on the West Bank. What everyone wondered might the unpredictable Begin do next?

Last week, the Premier added to his reputation for springing surprises. From his government announced that it would extend to Arabs on the West Bank and Gaza the welfare benefits and health care laws that cover Israeli citizens. It could certainly be argued that Jerusalem's arms were humanitarian rather than political as the government secretly intended. But the move also showed very much that a definite, clear extension of Israeli authority over territories that Begin has with considerable part of Israel, but insists on calling by their Hebrew names, Judea and Samaria.

Then, two days later, on the day of a previous war, Begin's cabinet announced that it would double the size of settlements in the occupied territories. There are to be established immediately on the West Bank. The government's large expansion for the decision, the new settlements were included in a plan approved by the previous regime.

The announcements caused a bit of a stir in Israel, where the reaction seemed to be admiration for Begin's boldness mixed with some misgivings about what the 140 Arab daily *Ha-Arutz* described as "despoiling the environment." Washington reacted angrily. Israeli Ambassador Simcha Dinitz was ordered to inform the State Department there he was delirious and had fled off to bed. A stern lecture on the legitimacy of the newly announced settlements from Under Secretary Philip

Springing Some More Surprises

The Begin puzzle

In the two months that he has been Israeli Prime Minister, Menachem Begin has proved to be something of a puzzle to the Carter Administration—and to the Arabs as well. His Israel coalition barely outlasted its power in an upset election, and Begin, a mild-mannered former oil-derrick worker who looks all of 40, has in two years seemed like a man of destiny. Yet today, Begin is making a high wave of popularity in Israel. During the Washington visit last month, Begin's able and unassuming exterior was recognized in the Middle East. There, as well as he got back to Jerusalem, he convinced the Carter Administration by legitimizing three previously unacknowledged Israeli settlements that had been built on the West Bank. More than that, Foreign Minister Moshe Dayan announced that Israel would accept the foreign rule—meaning over Jordanian—on the West Bank. What everyone wondered might the unpredictable Begin do next?

Last week, the Premier added to his reputation for springing surprises. From his government announced that it would extend to Arabs on the West Bank and Gaza the welfare benefits and health care laws that cover Israeli citizens. It could certainly be argued that Jerusalem's arms were humanitarian rather than political as the government secretly intended. But the move also showed very much that a definite, clear extension of Israeli authority over territories that Begin has with considerable part of Israel, but insists on calling by their Hebrew names, Judea and Samaria.

Then, two days later, on the day of a previous war, Begin's cabinet announced that it would double the size of settlements in the occupied territories. There are to be established immediately on the West Bank. The government's large expansion for the decision, the new settlements were included in a plan approved by the previous regime.

The announcements caused a bit of a stir in Israel, where the reaction seemed to be admiration for Begin's boldness mixed with some misgivings about what the 140 Arab daily *Ha-Arutz* described as "despoiling the environment." Washington reacted angrily. Israeli Ambassador Simcha Dinitz was ordered to inform the State Department there he was delirious and had fled off to bed. A stern lecture on the legitimacy of the newly announced settlements from Under Secretary Philip

The World

Begin rather than from Syria, since with whom Begin usually deals. In Jerusalem, U.S. Ambassador Samuel Line called on Begin to express the same concerns, but then insisted that he had merely been carrying out some campaign ploy. That explanation may be right, but it does little to calm Washington's growing unease about the government's— and Begin's—efforts to advance the cause of peace in the Middle East.

Palestinians: A New Unity

Arafat's eye is on New York

While Israel's Menachem Begin was engaged in debate on the West Bank issue, Yasser Arafat, the Palestinian leader, was looking for a big, unbridled step toward peace. That has helped that after external negotiations—suggested on them, for the most part, by Soviet diplomats—the so-called Palestinian representatives have decided to end their hard stand against peace on any terms with Israel and agree with the largest PLO executive (the PLO Executive Committee) of securing an independent state on the West Bank and in Gaza. The agreement is a limited but significant Palestinian step that will be the final settlement of such a state—wherever the disputed territories can be returned or negotiated back from Israel.

The deal was crucial because the Palestinians are at the core of a Middle East peace settlement. The conventional wisdom of the time was that the Palestinians would be the last to be resolved. But the move also showed very much that a definite, clear extension of Israeli authority over territories that Begin has with considerable part of Israel, but insists on calling by their Hebrew names, Judea and Samaria.

Then, two days later, on the day of a previous war, Begin's cabinet announced that it would double the size of settlements in the occupied territories. There are to be established immediately on the West Bank. The government's large expansion for the decision, the new settlements were included in a plan approved by the previous regime.

The announcements caused a bit of a stir in Israel, where the reaction seemed to be admiration for Begin's boldness mixed with some misgivings about what the 140 Arab daily *Ha-Arutz* described as "despoiling the environment." Washington reacted angrily. Israeli Ambassador Simcha Dinitz was ordered to inform the State Department there he was delirious and had fled off to bed. A stern lecture on the legitimacy of the newly announced settlements from Under Secretary Philip

The World

Begin rather than from Syria, since with whom Begin usually deals. In Jerusalem, U.S. Ambassador Samuel Line called on Begin to express the same concerns, but then insisted that he had merely been carrying out some campaign ploy. That explanation may be right, but it does little to calm Washington's growing unease about the government's— and Begin's—efforts to advance the cause of peace in the Middle East.

Palestinians: A New Unity

Arafat's eye is on New York

While Israel's Menachem Begin was engaged in debate on the West Bank issue, Yasser Arafat, the Palestinian leader, was looking for a big, unbridled step toward peace. That has helped that after external negotiations—suggested on them, for the most part, by Soviet diplomats—the so-called Palestinian representatives have decided to end their hard stand against peace on any terms with Israel and agree with the largest PLO executive (the PLO Executive Committee) of securing an independent state on the West Bank and in Gaza. The agreement is a limited but significant Palestinian step that will be the final settlement of such a state—wherever the disputed territories can be returned or negotiated back from Israel.

The deal was crucial because the Palestinians are at the core of a Middle East peace settlement. The conventional wisdom of the time was that the Palestinians would be the last to be resolved. But the move also showed very much that a definite, clear extension of Israeli authority over territories that Begin has with considerable part of Israel, but insists on calling by their Hebrew names, Judea and Samaria.

Then, two days later, on the day of a previous war, Begin's cabinet announced that it would double the size of settlements in the occupied territories. There are to be established immediately on the West Bank. The government's large expansion for the decision, the new settlements were included in a plan approved by the previous regime.

The announcements caused a bit of a stir in Israel, where the reaction seemed to be admiration for Begin's boldness mixed with some misgivings about what the 140 Arab daily *Ha-Arutz* described as "despoiling the environment." Washington reacted angrily. Israeli Ambassador Simcha Dinitz was ordered to inform the State Department there he was delirious and had fled off to bed. A stern lecture on the legitimacy of the newly announced settlements from Under Secretary Philip

A primeira unidade redacional—Springing some more surprises—é composta de uma ilustração da mesma largura da coluna (60mm); de um título disposto em duas linhas, justificada pela esquerda; e, de um texto disposto em 3 colunas.

Visa Time Again on Taiwan

An old ally braces for new troubles

On the eve of the 10th anniversary of the establishment of the People's Republic of China, the United States is once again faced with the problem of Taiwan. The issue is not only a diplomatic one, but also a strategic one. The United States has a long and complex history with Taiwan, which has been a source of both cooperation and conflict. The current situation is particularly delicate, as the United States seeks to maintain its strategic interests in the region while also supporting the principles of self-determination and human rights. The article discusses the challenges facing the United States and the implications for the future of Taiwan.

The World

Highly negative reports \$5 billion loss

Taiwan's economic growth rate more than 10% in most of the years since the 1960s, has now slowed to 7% in 1972. During the worldwide recession of 1971-72, Taiwan's economy suffered a sharp annual drop for a while, but the figure has since brought that down to less than 1%.

Taiwan has taken care to maintain its ties with its trading partners by leaving out formal ties through the establishment of quasi-official trade and cultural offices. In the most important of these, private trade relations with Japan, which are handled through the Association with Taiwan, is staffed by Foreign Office officials on temporary duty. Japan does more business with Taiwan than the five of more with Taipei and established relations with Peking in 1972.

There was all the more over a possible break with the U.S. Some experts maintain that the abrogation of the American defense commitment to Taiwan would result in a scenario in which an emboldened Peking would attempt to fight on foreign coasts and invade ways from the island by threatening a massive reprisal or military action. If so, people are scared off, says one top government official. The economic consequences could be disastrous.

Taiwan could perhaps fend off a military attack from the mainland. Taiwan's 300,000-man air force, which includes advanced U.S. F-101 fighters, is considered superior to the mainland's conventional forces. However, the Communists do not have the amphibious craft needed to land troops on the island. Still, a U.S. decision to break its formal ties with Taipei could be disastrous to Taiwan's morale. But until it happens, it does not seem to be a way of knowing how serious the psychological blow to Taiwan will be if it does, finally, in fact, sever ties.

Springing Some More Surprises

The Begin puzzle

In the two months that he has been Israeli Prime Minister, Menachem Begin has proved to be something of a puzzle to the Carter Administration—and to the Arabs as well. His Israel coalition barely outlasted its power in an upset election, and Begin, a mild-mannered former oil-derrick worker who looks all of 40, has in two years seemed like a man of destiny. Yet today, Begin is making a high wave of popularity in Israel. During the Washington visit last month, Begin's able and unassuming exterior was recognized in the Middle East. There, as well as he got back to Jerusalem, he convinced the Carter Administration by legitimizing three previously unacknowledged Israeli settlements that had been built on the West Bank. More than that, Foreign Minister Moshe Dayan announced that Israel would accept the foreign rule—meaning over Jordanian—on the West Bank. What everyone wondered might the unpredictable Begin do next?

Last week, the Premier added to his reputation for springing surprises. From his government announced that it would extend to Arabs on the West Bank and Gaza the welfare benefits and health care laws that cover Israeli citizens. It could certainly be argued that Jerusalem's arms were humanitarian rather than political as the government secretly intended. But the move also showed very much that a definite, clear extension of Israeli authority over territories that Begin has with considerable part of Israel, but insists on calling by their Hebrew names, Judea and Samaria.

Then, two days later, on the day of a previous war, Begin's cabinet announced that it would double the size of settlements in the occupied territories. There are to be established immediately on the West Bank. The government's large expansion for the decision, the new settlements were included in a plan approved by the previous regime.

The announcements caused a bit of a stir in Israel, where the reaction seemed to be admiration for Begin's boldness mixed with some misgivings about what the 140 Arab daily *Ha-Arutz* described as "despoiling the environment." Washington reacted angrily. Israeli Ambassador Simcha Dinitz was ordered to inform the State Department there he was delirious and had fled off to bed. A stern lecture on the legitimacy of the newly announced settlements from Under Secretary Philip

The World

Begin rather than from Syria, since with whom Begin usually deals. In Jerusalem, U.S. Ambassador Samuel Line called on Begin to express the same concerns, but then insisted that he had merely been carrying out some campaign ploy. That explanation may be right, but it does little to calm Washington's growing unease about the government's— and Begin's—efforts to advance the cause of peace in the Middle East.

Palestinians: A New Unity

Arafat's eye is on New York

While Israel's Menachem Begin was engaged in debate on the West Bank issue, Yasser Arafat, the Palestinian leader, was looking for a big, unbridled step toward peace. That has helped that after external negotiations—suggested on them, for the most part, by Soviet diplomats—the so-called Palestinian representatives have decided to end their hard stand against peace on any terms with Israel and agree with the largest PLO executive (the PLO Executive Committee) of securing an independent state on the West Bank and in Gaza. The agreement is a limited but significant Palestinian step that will be the final settlement of such a state—wherever the disputed territories can be returned or negotiated back from Israel.

The deal was crucial because the Palestinians are at the core of a Middle East peace settlement. The conventional wisdom of the time was that the Palestinians would be the last to be resolved. But the move also showed very much that a definite, clear extension of Israeli authority over territories that Begin has with considerable part of Israel, but insists on calling by their Hebrew names, Judea and Samaria.

Then, two days later, on the day of a previous war, Begin's cabinet announced that it would double the size of settlements in the occupied territories. There are to be established immediately on the West Bank. The government's large expansion for the decision, the new settlements were included in a plan approved by the previous regime.

The announcements caused a bit of a stir in Israel, where the reaction seemed to be admiration for Begin's boldness mixed with some misgivings about what the 140 Arab daily *Ha-Arutz* described as "despoiling the environment." Washington reacted angrily. Israeli Ambassador Simcha Dinitz was ordered to inform the State Department there he was delirious and had fled off to bed. A stern lecture on the legitimacy of the newly announced settlements from Under Secretary Philip

The World

Begin rather than from Syria, since with whom Begin usually deals. In Jerusalem, U.S. Ambassador Samuel Line called on Begin to express the same concerns, but then insisted that he had merely been carrying out some campaign ploy. That explanation may be right, but it does little to calm Washington's growing unease about the government's— and Begin's—efforts to advance the cause of peace in the Middle East.

Palestinians: A New Unity

Arafat's eye is on New York

While Israel's Menachem Begin was engaged in debate on the West Bank issue, Yasser Arafat, the Palestinian leader, was looking for a big, unbridled step toward peace. That has helped that after external negotiations—suggested on them, for the most part, by Soviet diplomats—the so-called Palestinian representatives have decided to end their hard stand against peace on any terms with Israel and agree with the largest PLO executive (the PLO Executive Committee) of securing an independent state on the West Bank and in Gaza. The agreement is a limited but significant Palestinian step that will be the final settlement of such a state—wherever the disputed territories can be returned or negotiated back from Israel.

The deal was crucial because the Palestinians are at the core of a Middle East peace settlement. The conventional wisdom of the time was that the Palestinians would be the last to be resolved. But the move also showed very much that a definite, clear extension of Israeli authority over territories that Begin has with considerable part of Israel, but insists on calling by their Hebrew names, Judea and Samaria.

Then, two days later, on the day of a previous war, Begin's cabinet announced that it would double the size of settlements in the occupied territories. There are to be established immediately on the West Bank. The government's large expansion for the decision, the new settlements were included in a plan approved by the previous regime.

The announcements caused a bit of a stir in Israel, where the reaction seemed to be admiration for Begin's boldness mixed with some misgivings about what the 140 Arab daily *Ha-Arutz* described as "despoiling the environment." Washington reacted angrily. Israeli Ambassador Simcha Dinitz was ordered to inform the State Department there he was delirious and had fled off to bed. A stern lecture on the legitimacy of the newly announced settlements from Under Secretary Philip

Essa idéia é reforçada com a simetria provocada pela diagramação — sintaxe visual — que determina três eixos:



Begin emphasizing a point
A seizure on the West Bank

ments that had been built on the West Bank. More than that, Foreign Minister Moshe Dayan announced that Israel would accept no foreign state—neither even Jordanian—on the West Bank. What everyone wondered might the unpredictable Begin do next?

Last week the Premier added to his reputation for surprising surprises. First, his government announced that it would extend to Arabs on the West Bank and Gaza the welfare benefits and child labor laws that cover Israeli citizens. It could certainly be argued that Jerusalem's arms were humanitarian rather than political, as the government surely intended. But the move also looked very much like a deliberate extension of Israeli authority over territories that Begin now even considers to be part of Israel, but insists on calling by their historical names, Judea and Samaria.

Then two days later, in blunt defiance of previous warnings by Jimmy Carter against further Israeli occupation of occupied lands, Jerusalem announced that it would build 400 more settlements—a grand total of 75—in the occupied territories. Three are to be established immediately on the West Bank. The government's same explanation for the decision: the new settlements were included in a plan approved by the previous regime.

The announcements caused a stir in Israel, where the reaction seemed to be admiration for Begin's boldness mixed with some uneasiness about what the Tel Aviv daily *Ha'aretz* described as "deepening and intensifying the lives of the occupied areas." Washington reacted angrily. Israel's Ambassador Simcha Dinitz was promptly summoned to the State Department, where he was deliberately shut out of a room a mere lecture on the progress of the news announced settlements from Under Secretary Philip

The World

Have rather than from Syria, France, with whom Egypt usually deals. To its former U.S. Ambassador Samuel Lewis (who is Begin's cousin) to express the same concern. Begin learned to the U.S. courts, but then insisted that he had never been carrying out any campaign program. That explanation may help to get with his admirer, but it does not do much to calm Washington's growing uneasiness about his government—and nothing at all to advance the cause of peace in the Middle East.

Palestinians: A New Unity

Arafat's eye is on New York

While Israel's Yitzhak Begin was rigging in the West Bank, the West Bank itself was in a state of confusion. The day after Begin's announcement that after extensive negotiations—based on them for the movement by Soviet diplomats—the so-called Palestinian revolutionaries have decided to end their de facto state apparatus in any sense with Israel and to join the larger Palestinian liberation organization on the path of securing an independent state on the West Bank and Gaza. The agreement was a limited but significant Palestinian victory. It was the first acknowledgment of such a state, which the displaced refugees can be seen to represent back from Israel.

The deal was signed because the Palestinians are at the core of a Middle East peace settlement. The continuing feud of



Peace talks result in Berlin
Peace and peace treaties



Arafat raising victory sign
Time to raise a spear

of the revolutionaries the Premier tried to bring the liberation of Palestine had troubled the Palestinian cause. Although the Israelis had accepted terms of a truce, Palestinian leaders have long since given up the idea of driving Israel into the sea. Later, even their last notion of a total state of Palestine embracing all the Jews and it became has also faded. Although Israel's Begin is by no means so eager to enter the West Bank and to build Arab settlements, he has not yet announced anything like that.

In early last March the Palestine National Council, composed of members of the revolution, representing 2.5 million Palestinians scattered around the world, voted to establish an independent state on a limited portion of the territory now ruled by Israel—meaning essentially the West Bank and Gaza. It permits the revolutionaries to have out for a war in the end with the Jewish Administration that has charge from that direction has been one of the revolutionaries' objectives. It is not that in the time for the Palestinians to stand together.

The new vote of the Palestinian revolutionaries, that of Begin and Arafat, had a high tone. Begin is a bit of a hawk on Israel as the top leader in a Middle East settlement. He is a bit of a hawk on Israel as the top leader in a Middle East settlement. He is a bit of a hawk on Israel as the top leader in a Middle East settlement. He is a bit of a hawk on Israel as the top leader in a Middle East settlement.

A ligação entre as três colunas formada pela colocação do título entre as duas ilustrações superiores possibilita, no nível médio de leitura, associações que fogem do significado real de cada unidade redacional: — *Begin e Arafat, a nova unidade palestina?*



Begin emphasizing a point
A seizure on the West Bank

Palestinians: A New Unity

Arafat's eye is on New York



Arafat raising victory sign
Time to raise a spear

Ainda no nível médio de leitura, segue-se a apreensão de um outro título, o da página da esquerda. Conclui-se então: *A nova unidade palestina florescendo como surpresa?*

MINISTÉRIO
Springing Some More Surprises
The Begin puzzle

As associações criadas pela diagramação causaram uma substituição de significado, gerando também outras conotações — trata-se então de uma das figuras da retórica clássica — a *metáfora*.

World List
Springing Some More Surprises
The Begin puzzle

In the two months that he has been Israel's Premier, Menachem Begin has proved to be something of a puzzle to the Carter Administration and to the Arab as well. His record of office has not been as clear as that of his predecessor, and Begin, a man considered to be an optimistic leader who has a lot of his own ideas, has not seemed to have a clear vision of the Middle East. Then, as ever, he got back to Jerusalem, he confounded the Carter Administration by releasing three previously unannounced Israeli settlements.

Begin emphasizing a point.

Begin emphasized a point in a speech that had been made in the West Bank. More than that, he said that Israel would accept no final settlement, including even Jerusalem, until the West Bank and Gaza were returned to the Palestinians.

Last week, Premier Begin told his cabinet that he would accept no final settlement on the West Bank and Gaza until the Palestinians were returned to the West Bank and Gaza. He said that he would accept no final settlement on the West Bank and Gaza until the Palestinians were returned to the West Bank and Gaza.

Then two days later, in a surprise move, Begin announced that he would build three new settlements, a grand total of 30, in the occupied territories. Three are to be established in the West Bank. The settlements were announced in a surprise move, and they were approved by the cabinet in a surprise move. The settlements were announced in a surprise move, and they were approved by the cabinet in a surprise move.

The World

Hand rather than from Israel. Since the U.S. Ambassador, Arthur Lewis, called on Begin in Jerusalem, the same day, Begin invited the U.S. ambassador to his residence. He then invited the ambassador to his residence. He then invited the ambassador to his residence.

Palestinians: A New Unity

By Seymour M. Hersh

The Israeli Menachem Begin was digging in deeper on the West Bank issue. In his last speech, he said that Israel would accept no final settlement, including even Jerusalem, until the West Bank and Gaza were returned to the Palestinians.

Menachem Begin speaking at a podium.

Yasser Arafat speaking.

of the Palestinians, because the PLO had been the liberator of Palestine. He had been the liberator of Palestine. He had been the liberator of Palestine.

In a surprise move, the PLO announced that it would accept no final settlement on the West Bank and Gaza until the Palestinians were returned to the West Bank and Gaza. He said that he would accept no final settlement on the West Bank and Gaza until the Palestinians were returned to the West Bank and Gaza.

- eliminando a fotografia do exército da Etiópia

AFRICA

Guerra múltipla no leste

As forças da África Oriental não se contentam com a sua parte para a conquista de um novo território. O Exército Vermelho soviético, através da sua influência, procura estabelecer um domínio sobre a região.

Alguns países lançam amplos programas contra o imperialismo ocidental e a expansão demográfica. Na Somália, porém, as coisas não anda muito bem. Recentemente, o governo começou a executar um ambicioso programa de "modernização", visando a tirar para a agricultura uma parte dos 10% de rendimento que combem a população de 3,2 milhões de habitantes. As indústrias condões desse país situam-se no extremo leste do continente africano, vizinho como a vida em toda a região conhecida como o "Chifre da África" — onde se encontram a Etiópia, a Somália, o Iêmen do Norte e o Iêmen do Sul, e o pequeno Djibuti, no mar.

Apesar de toda a sua carência de recursos, no entanto, não se pode dizer que o "Chifre" seja um desamparado. Ao contrário, ali se jogam duas das maiores partidas do momento — uma a nível do mundo se confundem, além dos motivos locais, os interesses das Armas Soviéticas, os resquícios das divergências do Oriente Médio entre árabes e israelenses, e, como pano de fundo de tudo isso, a própria confrontação entre as duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética. Na semana passada, mais do que nunca, o dramático estado de guerra era ilustrado por uma série de dramáticas acontecimentos.

Na terça-feira em Washington, o Departamento de Estado informou que os Estados Unidos haviam decidido fornecer armas à Somália — uma resolução que recebeu a aprovação dos Estados Unidos nações-país, dependente das armas soviéticas. Na quarta-feira, o próprio presidente Jimmy Carter, durante uma entrevista à imprensa, confirmava essa decisão — acrescentando explicitamente que sua intenção era "trazer a influência soviética na África". Enquanto isso, no terreno de lá, ganhavam intensidade e a presença parte de chegar a um momento decisivo, no dia quatro que o governo da Etiópia trava no mesmo sentido, ainda contra movimentos separatistas — uma no norte, para enfrentar os nacionalistas da extrema província da Eritreia, criada logo em 1962, e outra no sul, contra os au-

tos separatistas como uma causa auto-suficiente da Somália. Embora a Somália oficialmente não se reconheça com a independência da região, o fato é que a Somália já chegou a intervir em sua fronteira com a zona de fronteira a "Grande Somália".

Isso significa, mais concretamente, encetar as regiões de população somali que se encontram não só pela Etiópia como também por Djibuti e pelo norte do Iêmen. E, embora o governo de Mogadíscio — a capital da Somália — não tenha também, que a atual luta é de natureza responsável da Frente de Libertação da Somália Ocidental — o movimento local — a verdade é que seu apoio aos revolucionários se torna cada vez mais aberto. Já houve na semana passada, o governo etíope afirmou ter destruído dois aviões Mig 21 da Somália em Ogaden — o que caracterizava a guerra como um conflito aberto entre os dois países.

Para começar, não se pode dizer que a Etiópia seja um país muito rico sob seu controle, mesmo com a selvagem repressão lançada por seu regime, ainda sob o signo de transição à sua direita, da parte de antigos proprietários de terra e militares conservadores. E, à sua esquerda, os indicadores de miséria e injustiça social são evidentes. Este é um problema menor, entretanto, se comparado aos movimentos separatistas. Tanto no território como no somali de Ogaden, na semana passada, pareciam acumular vitórias no campo de batalha. E, se as duas regiões — ou mesmo apenas uma delas — conseguirem fazer em suas fronteiras separatistas, não há dúvida de que isso constituirá um golpe devastador para Mogadíscio, bem como para todo o equilíbrio do "Chifre".

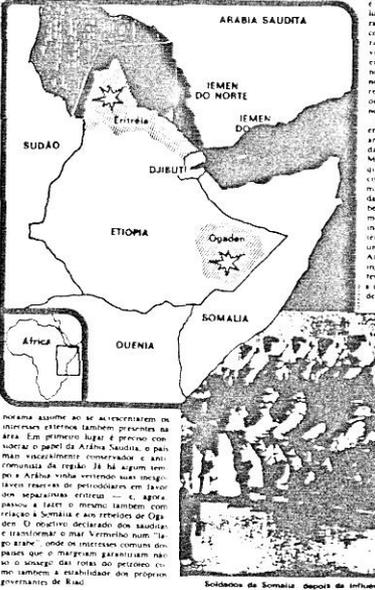
A "Grande Somália" — Das duas regiões em revolta, a mais importante é a Eritreia — uma faixa de terra que representa quase um quinto do território etíope; conta com uma população de 3,5 milhões de habitantes e constitui a única saída da Etiópia para o mar. Na semana passada, calcula-se em 90% o território da província já em poder dos nacionalistas — que actuam em várias frentes para reivindicar a independência. Ainda por cima do Egipto, depois da Itália e depois da França, a Eritreia de fato não se uniu à Etiópia sendo por isso força num golpe desfechado em 1962, pouco depois da saída dos britânicos, por

que o "Chifre" seja um desamparado. Apesar disso, o mundo não pode esquecer a África. Em primeiro lugar é preciso reconhecer a Somália, cujo regime socialista não se reconhece com a independência da região. Já há algum tempo a Arábia Saudita vem tentando estabelecer relações com a Somália e com o Iêmen do Sul, onde se encontra o controle do estreito de Bab-el-Mandeb.

Depois há os países comunistas e as pressões de lugares vagos a ocupar na África. Em primeiro lugar é preciso reconhecer a Somália, cujo regime socialista não se reconhece com a independência da região. Já há algum tempo a Arábia Saudita vem tentando estabelecer relações com a Somália e com o Iêmen do Sul, onde se encontra o controle do estreito de Bab-el-Mandeb.

Um tempo para se estabelecer no novo território — através por um país mais poderoso e importante, que se encontra na África — para não se esquecer também a Etiópia.

Comunismo e separatismo — Tanto Mogadíscio quanto as forças que lutam na divergência entre os vizinhos árabes e israelenses, e a situação passada que pode ficar um exemplo de que se reconhece no passado no Iêmen do Sul, e mais recentemente no Egipto. Quanto à Etiópia, seu atual regime corre o risco de ser substituído por um regime de tipo socialista, o que poderia trazer consequências para o campo de batalha.



Soldados da Somália depositam influência soviética, a vez dos EUA

Fica flagrante nos dois exemplos, a parcialidade que a ausência de uma ou outra fotografia implica na percepção do significado do discurso gráfico. A fotografia dos dois exércitos torna concreta sua existência e a ausência de qualquer uma das duas possibilita a noção de supremacia de um exército sobre outro.

Caso sejam suprimidas as duas fotografias, o significado do discurso gráfico volta a ser imparcial mas ganha um tom impessoal que não existia com a presença física dos dois exércitos.

Com a supressão do mapa, a indicação geográfica — norte e sul —, que determina a disposição das fotografias na página, desaparece e com isso cria-se uma hierarquia. A fotografia que fica na parte superior da página ganha uma importância em relação à outra, logo, o discurso gráfico torna-se nesse caso, parcial.

Como no caso da supressão do mapa, ao se inverter a posição das três ilustrações (elementos do discurso visual) cria-se também uma hierarquia, prevalecendo sempre mais importante o que se situa na parte superior da página.

Conclui-se então que o significado convencional aplicado aos sintagmas (simbolismo) pode ser alterado dependendo da sintaxe visual da unidade redacional — a diagramação.

O quarto exemplo apresenta em duas páginas, uma unidade redacional composta de uma ilustração que ocupa uma área equivalente à metade da página, um título disposto em duas linhas alinhado pela esquerda na cabeça da página e um texto disposto em uma coluna.

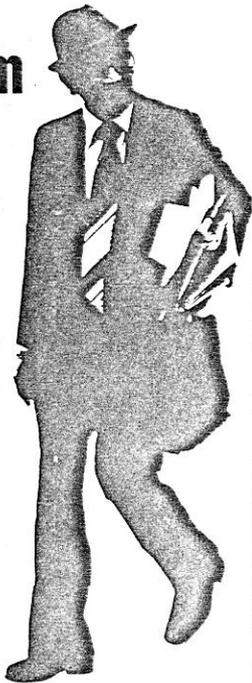
A ilustração da unidade redacional é objeto de uma *elipse* (a proposição é percebida como incompleta) e a construção dessa *elipse*, provocada pela diagramação, faz com que o discurso gráfico seja o resultado da soma do discurso verbal (título) com o discurso visual (fotografia recortada— a ausência de um quadro ou de um plano na ilustração, «desprende» o personagem da página). Esse resultado é a *oração visual* onde a ilustração tem duas funções sintáticas: é o verbo e o sujeito da frase: *Um liberal em campanha*. Funciona como verbo porque completa visualmente o título, substituindo o verbo *estar* ausente do título («Um liberal está em campanha»); e é sujeito, porque a ilustração é o personagem em campanha. O discurso verbal completo poderia ser: *Teotônio Vilela, um liberal que está em campanha*.

BRASIL

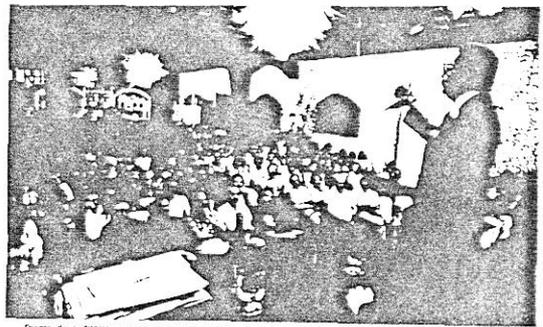
Um liberal em campanha

Teotônio Vilela, candidato à presidência da República, foi fotografado em uma campanha eleitoral em Recife, Pernambuco, em 1964. O candidato à presidência da República, Teotônio Vilela, é visto aqui em uma campanha eleitoral em Recife, Pernambuco, em 1964. O candidato à presidência da República, Teotônio Vilela, é visto aqui em uma campanha eleitoral em Recife, Pernambuco, em 1964.

O grande filósofo francês por pouco não foi o responsável pela expulsão do presidente Teotônio Vilela, aos 12 anos, do Colégio Nóbrega, no Recife, para onde mudou depois de um ano no Liceu Almeida de Maciel. Na comemoração do aniversário do dia 15 de março, Teotônio Vilela, então com 12 anos, foi convidado a fazer um discurso. O discurso foi muito bom, mas o professor de francês, João de Deus, não gostou. Teotônio Vilela, então com 12 anos, foi convidado a fazer um discurso. O discurso foi muito bom, mas o professor de francês, João de Deus, não gostou. Teotônio Vilela, então com 12 anos, foi convidado a fazer um discurso. O discurso foi muito bom, mas o professor de francês, João de Deus, não gostou.



VILA 28 DE SETEMBRO 1977



Diante de milhares de pessoas atentas e interessadas, Teotônio Vilela defende a volta ao Estado democrático

Teotônio Vilela defende a volta ao Estado democrático. O candidato à presidência da República, Teotônio Vilela, é visto aqui em uma campanha eleitoral em Recife, Pernambuco, em 1964. O candidato à presidência da República, Teotônio Vilela, é visto aqui em uma campanha eleitoral em Recife, Pernambuco, em 1964.

Teotônio Vilela defende a volta ao Estado democrático. O candidato à presidência da República, Teotônio Vilela, é visto aqui em uma campanha eleitoral em Recife, Pernambuco, em 1964. O candidato à presidência da República, Teotônio Vilela, é visto aqui em uma campanha eleitoral em Recife, Pernambuco, em 1964.

• Se ao contrário, elimina-se a retórica visual (as duas fotografias) o significado perde sua principal conotação (o prejuízo proposital do ser humano), o «super-veneno» pode ser qualquer tipo de veneno que não seja necessariamente prejudicial ao homem.

Estendendo um pouco mais a análise dessa unidade redacional, é importante notar que, quando se passa para a leitura analítica, o significado real é diferente do que foi percebido na leitura média, ou seja, não foram os aviões da fotografia que soltaram o veneno que queimou a menina. A ligação entre os dois elementos que formam o discurso visual continua a ser o veneno, mas o que os aviões espalharam foi no Vietnam e o que deformou a menina foi em Seveso.

O super veneno

Em algum lugar do Pacífico, o navio japonês "Asahikuni" de bandeira americana acaba de incinerar 1,2 milhões de litros de herbicidas, após usá-los no Vietnã, a pedido dos Estados Unidos. O navio está ancorado no porto de Yokohama, no Japão, depois de fazer parte do veneno resultado da mistura em partes iguais dos ácidos 2,4-D e 2,4,5-T, e produzido pelas empresas Dow Chemical e Monsanto (ambas possuem filiais no Brasil), devendo-se a destruição tanto as condições quanto a economia dos vietcongs. Entretanto, um relatório de um grupo de detetives da Academia de Ciências dos Estados Unidos afirma que o herbicida não foi utilizado na guerra em escala suficiente para provocar tais efeitos. Pesquisadores veterinários acreditam que suas florestas tropicais se recuperaram plenamente no final do século XXI.

Alguns médicos pediram em nome de seus pacientes, porém, o tempo a correr no mês de 1969, quando os efeitos do Super veneno foram a ocorrência de uma epidemia de transtornos de estímulos deformados de muitas crianças, sendo que foram provocados e confirmados que a causa se podia ser o herbicida.

Recentemente, o Pentágono tratou de contestar a denúncia argumentando que era apenas de fundamento técnico e científico. Mas três meses depois reapareceram informações sobre um relatório governamental concluído que o agente letal era mesmo de fabricação tecnológica que os Estados Unidos. E ainda que a indústria responsável

por esse elemento a guerra do Vietnã — mesmo em doses diminuídas de seus componentes de pólen, por exemplo, — o veneno se revelou fatal de muitas crianças de laboratório e de doentes sem filhos. A doença, diagnosticada pela Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos, é letal e mutiladora, podendo provocar cegueira, deformações.

“Basta lembrar” — Tais fatos, de fato, confirmam o caráter de um grande crime nacional. Membros do Congresso prepararam ataques à guerra química iniciada pela Força Aérea. Os comunistas, em sua oposição ao Departamento de Defesa e a Monsanto, acusando-os de terem, com a guerra, usado um herbicida que representava um risco iminente para as mulheres, crianças, mesmo para as que usavam a roupa em um tempo que não se sabia de a destino ter a capacidade de se acumular no organismo humano. Finalmente, o Pentágono se tornou as primeiras declarações e exclusão de agente letal de seu arsenal químico. Desde então, a Força Aérea dos Estados Unidos passou a não usar o que havia conhecido durante os anos de herbicidas, questiona a continuidade do experimento que não pode ser o caso.

Sendo assim, a indústria de químicos e 10,5 milhões de litros de veneno. Em novembro, Estados Unidos permitiu que fossem guardados dentro de suas fronteiras, eles acabaram sendo armazenados em uma instalação ilha do Pacífico.

Em certo momento, uma também não-revelada empresa privada denunciou que tinha sido a própria Dow Che-

mical (empresa em domínio da guerra para produzir o veneno) que tinha sido o plano de longo alcance usado em vista das crianças de soldados, recém-casados e mulheres, recém-fornadas. Um dos primeiros casos, relatados em 1969, foi o de uma menina de nome Lucy, que morreu logo após o parto. A morte foi atribuída ao agente letal, que se acumulou no organismo humano.

Em qualquer forma, dos milhões de 10,5 milhões de litros existentes do agente letal, restaram para o Super veneno apenas 1,2 milhões, supondo-se que os outros 9,3 milhões foram todos de fato enviados a países da América Latina. Para o presidente dos Estados Unidos, a necessidade de preservação dos Recursos Naturais e o Conselho de Administração parte do veneno estão um

O exemplo 7 é uma unidade redacional apresentada em duas páginas. A página da esquerda é composta por uma ilustração da mesma altura de uma coluna (sangrando na margem esquerda da página); um título em três linhas, centralizado em um espaço equivalente à largura de duas colunas; e por um texto dividido em duas colunas. A página da direita é composta de 5 ilustrações que ocupam o espaço de duas colunas (sangrando na parte superior e na margem externa, à direita da página) e uma coluna de texto.

Neste exemplo é importante observar que se estabelecem diferentes etapas de percepção no nível médio de leitura, em consequência das ligações provocadas pela diagramação.

O percurso da percepção dos vários elementos de significação que são estabelecidos na leitura média da unidade redacional, parte da colocação das ilustrações em extremos opostos nas páginas («pendant»).



Não existe uma simetria formal entre uma página e outra, mas a escala ampliada de fotografia da página da esquerda, compensa o volume do conjunto formado pelas 5 fotografias (em escala muito menor) da página da direita. Logo, dessa primeira ligação fica estabelecida uma opo-

sição formal entre o presidente Carter (personagem colocado na página da esquerda) e as autoridades brasileiras (conjunto de fotografias colocadas na página da direita), o que é segundo a retórica clássica uma *concatenação*, uma ligação entre sintagmas iguais, ou uma repetição de sintagmas.

Com a apreensão do significado do título «JIMMY CARTER, UMA VISITA PARA AGRADAR», a

oposição criada pelo «pendant» define sua identidade, ou seja, visitantes e visitados.



A terceira ligação se dá quando depois definido quem chega e quem recebe, se faz a decomposição do conjunto de fotografias de quem recebe, ou melhor, identificam-se os personagens e configura-se uma segunda *concatenação*, onde além do fato das fotografias estarem formando um conjunto, elas são ligadas pela postura das mãos dos personagens nelas apresentados. Cada posição transmite um significado: O presidente Geisel, Dom Paulo Arns e o General Figueiredo saúdam com evidente efusão a visita do Presidente Carter. Já Faoro da OAB e Golbery aparentam um ar mais preocupado.

O resultado desse jogo que se estabelece através do encadeamento construído na página, são diversas possibilidades de significação que se configuram antes da leitura do texto, ou seja, antes que se passe da leitura média para a analítica.

A visita de Carter agrada às autoridades brasileiras?

Preocupa Faoro e Golbery? Ou as autoridades brasileiras agradam Carter em sua visita?



6 CONCLUSÃO

Temos então terminada a descrição de um estudo que para nós, além de ter sido de grande importância, nos surpreendeu de um dado momento até a sua conclusão.

Talvez essa surpresa seja característica em trabalhos especulativos mas, para nossa análise ela foi fundamental, porque além de nos estimular na pesquisa de uma série de coincidências que foram sendo encontradas, nos revelou uma outra dimensão tão importante quanto o *bom senso* necessário à um *projeto significante*: o poder e a responsabilidade que se dá à um profissional na manipulação de um código de expressão de signos, que deverá ser remetido a algum destinatário.

O trabalho teve ainda um resultado ambíguo. O estudo de cada uma de suas partes constituintes e sua superposição, além de conscientizar uma crítica necessária à análise, desvendou o desenvolvimento desse *projeto significante* e como elaborá-lo a significar.

A arbitrariedade da associação de um significante na formação de um signo, cujos compromissos de denotação e conotação são estabelecidos pelo código de transmissão, se concentram todos num determinado momento, nas mãos de um diagramador.

Esse código de transmissão é então articulado buscando seus recursos de expressão no significado da mensagem e em seu futuro receptor.

Nossa primeira preocupação foi a de travar conhecimento com cada um dos instrumentos de trabalho utilizados na transmissão de uma mensagem e, na superposição das rotinas de funcionamento da semiologia, da sintaxe e da diagramação. E o encontro com operações retóricas, nessa superposição, veio a explicar o *porque* de determinados resultados formais no exame das unidades redacionais.

As figuras de retórica são realmente utilizadas em qualquer discurso. Podem ser características intrínsecas a cada sintagma, quando a diagramação somente as relata; podem ser aplicadas ao sintagma, quando essa aplicação é agenciada pela diagramação; e ainda, quando as figuras são características intrínsecas à cada sintagma podem ser transformadas em outra (s) figura (s) de retórica através também da sintaxe elaborada pela diagramação.

—Diagramar é o modo de quem tem a imagem como ísca.

A ESTRUTURA AUSENTE

Eco, Umberto — Ed. Perspectiva, São Paulo, 1971

A HISTORY OF VISUAL COMMUNICATION

Müller-Brockmann, Josef — Verlag Arthur Niggli, Teufen, 1971

A PEQUENA ESTÉTICA

Bense, Max — Ed. Perspectiva, São Paulo, 1975

ART DE LA COULER

Itten, Johannes — Dessain et Tolra, Paris, 1973

COLOR

Kuppers, Harold — Editorial Lectura, Caracas, 1973

DESIGNING WITH TYPE

Craig, James — Watson - Guptill Publications, N.York, 1971

ÉLÈMENTS DE SÉMIOLOGIE

Barthes, Roland — Rev. Communication n°4 EPHE Ed. Seuil, Paris, 1964

ÉLÈMENTS POUR UNE SÉMIOLOGIE DE LA PHOTOGRAPHIE

Lindekens, René — Ed. Didier, Paris, 1971

INFORMAÇÃO, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Pignatari, Décio — Ed. Perspectiva, São Paulo, 1971

LA COMMUNICATION AUDIO-SCRIPTO-VISUELLE

Cloutier, Jean — Les Presses de l'Université de Montreal, 1973

LA COMPOSICION EN ARTES GRÁFICAS (VOL.1 e 2)

Martins, Euniciano — Ed. Don Bosco, Barcelona, 1970

LA COULEUR

Deriberé, Maurice — Presses Universitaires de France, Paris, 1964

L'INTERACTION DES COULEURS

Alberts, Josef — Hachette Littérature, Paris, 1974

LA LISIBILITÉ

Richaudeau, Francois — Denoël Gonthier, Paris, 1969

LA SINTAXIS DE LA IMAGEM

Dondis, D.A — Ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 1976

LA TYPOGRAPHIE

Letouzey, Victor — Presses Universitaires de France, Paris, 1970

LE LANGAGE EFFICACE

Richaudeau, François — Denoël Gonthier, Paris, 1973

MESSAGES ET SIGNAUX

Prieto, Luis Javert — Presses Universitaires de France, Paris, 1972

O CARTAZ

Moles, Abraham — Ed. Perspectiva, São Paulo, 1974

PHÉNOMENOLOGIE DE LA PERCEPTION

Merleau-Ponty, Maurice — Gallimard, Paris, 1945

PSYCOLOGIE DE LA FORME

Guillaume, Paul — Flammarion, Paris, 1973

PUBLICATION DESIGN

Hulburt, Allen-Van Nostrand Reinhold Company, N.York

PUNTO Y LÍNEA SOBRE EL PLANO

Kandinsky, Wassily — Barral Editores, Barcelona, 1974

RHÉTORIQUE DE L'IMAGE

Barthes, Roland — Rev. Communications n°4 EPHE Ed. Seuil, Paris, 1964

RHÉTORIQUE ET IMAGE PUBLICITAIRE

Durand, Jacques — Rev. Communications n°15 EPHE Ed. Seuil, Paris, 1970

SÉMANTIQUE STRUCTURALE

Greimas, Algirdas Julien — Lib. Larrouse, Paris, 1966

SÉMIOLOGIE GRAPHIQUE

Bertin, Jacques — Gauthier-Villars, Paris, 1967

SEMIÓTICA DA PUBLICIDADE

Péninou, Georges — Ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 1976

THÉORIE DE L'INFORMATION ET PERCEPTION ESTHÉTIQUE

Moles, Abraham — Flammarion, Paris

TYPOGRAPHIE

Ruder, Emil — Verlag Arthur Niggli, Teufen, 1967

ESSAIS DE LINGUISTIQUE GÉNÉRALE

Jackobson, Roman — Editions de Minuit, Paris, 1963

LA LINGUISTIQUE — GUIDE ALPHABÉTIQUE

Martinet, André — Denoël Gonthier, Paris, 1969

LE QUOTIDIEN FRANÇAIS

Kayser, Jacques — Cahiers de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, Paris, 1965

FILOLOGIA E GRÁMATICA

Mattoso, Camara Jr. — Ed. J. Ozon, Rio de Janeiro, 1964

COURS DE LINGUISTIQUE GÉNÉRALE

Saussure, Ferdinand de — Payot, Paris, 1972